

ENDGAME

LINHAGEM ZERO

VOLUME 3

COLHEITA



JAMES FREY



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

ENDGAME

LINHAGEM ZERO

— VOLUME 3 —

COLHEITA

JAMES FREY

Tradução de Cássia Zanon



Copyright © 2016, Third Floor Fun, LLC.

Todos os direitos reservados à Full Fathom Five, LLC.

TÍTULO ORIGINAL

Endgame: The Zero Line Chronicles – Volume 3: Reap

PREPARAÇÃO

Mariana Moura

REVISÃO

Carolina Rodrigues

ADAPTAÇÃO DE CAPA

Julio Moreira | Equatorium Design

REVISÃO DE EPUB

Bruna Cezário

GERAÇÃO DE EPUB

Intrínseca

E-ISBN

978-85-510-0061-8

Edição digital: 2016

1ª edição

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 — Gávea

Rio de Janeiro — RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br



Sumário

[Capa](#)

[Folha de rosto](#)

[Créditos](#)

[Mídias sociais](#)

[Capítulo Um](#)

[Capítulo Dois](#)

[Capítulo Três](#)

[Capítulo Quatro](#)

[Capítulo Cinco](#)

[Capítulo Seis](#)

[Capítulo Sete](#)

[Capítulo Oito](#)

[Capítulo Nove](#)

[Capítulo Dez](#)

[Sobre o autor](#)

[Conheça os títulos anteriores da série](#)

[Leia também](#)

Capítulo Um

— Está na hora — falei a Kat.

Conferimos as armas, para verificar se estavam carregadas, soltamos as travas e seguimos pelo corredor. Paramos no quarto 412. Eram cinco da manhã.

— Pronto? — disse Kat, apenas movimentando os lábios, sem emitir som algum.

Fiz que sim com a cabeça.

Bati na porta.

Tinha chegado a hora — estávamos diante daquilo para que vínhamos nos preparando durante todo o verão. Nós, apenas Kat e eu, batendo na porta de uma Jogadora. Raakel, a minoica. Na semana anterior, havíamos plantado uma bomba ao lado da sede em Istambul, “convidando-a” para o falso Chamado da Linhagem Zero.

Achávamos que ela pudesse ter morrido na explosão — a bomba deveria simular um sinal dos céus, uma mensagem dos Criadores alienígenas.

E naquele momento deveríamos argumentar com aquela Jogadora treinada para ser uma máquina assassina. Era o objetivo de um Chamado: ser o ponto de partida de um banho de sangue em que cada uma das doze máquinas assassinas, representantes de suas civilizações, tentaria ser a última de pé em uma luta global que decidiria o destino do mundo.

E precisávamos interromper tudo isso.

Minha pistola M1911 estava enfiada na parte de trás da calça, coberta por uma camiseta comprida das Olimpíadas de Munique. Kat levava uma Beretta no bolso da frente do agasalho. Eu levava uma mochila para carregar o walkie-talkie e alguns outros artigos de que poderíamos precisar.

Ouvimos o barulho de uma tranca sendo aberta, e fiquei tenso, desejando estar com a arma na mão. Mas não. Estávamos ali para conversar com ela, não para matá-la. Kat e eu já tínhamos sujado as mãos de sangue e não queríamos repetir a experiência.

A porta se abriu.

Raakel estava ali, de calça jeans e blusa solta. Os cabelos negros tinham sido presos em um rabo de cavalo. Exibia um sorriso afetado no rosto. Apesar de ser muito cedo, parecia desperta e pronta para o Chamado.

— Eu estava mesmo a sua espera — disse ela, com muito pouco sotaque. — Vocês me seguiram com a discricção de uma debandada de touros. Por acaso estão em uma casa com outros dezesseis ou dezessete?

Abri a boca para falar, mas não saiu nada. Nós é que deveríamos surpreendê-la, não o contrário.

— Estamos aqui para conversar com você — falou Kat.

— Como sabem quem eu sou? — perguntou Raakel. — Aliás, quem pensam que sou?

Kat respondeu:

— Você é a Jogadora dos minoicos.

— Como sabem disso? — indagou ela. — De que linhagem vocês são?

— Da Linhagem Zero — respondi, enfim recuperando a voz. — Temos coisas importantes para falar com você.

— Essa linhagem não existe.

Ela abriu a porta poucos centímetros a mais, apenas o bastante para nos deixar passar. Sem tirar os olhos de nós em nenhum momento, sinalizou para que entrássemos no quarto. Vislumbrei de relance algo de metal ao seu lado e me dei conta de que ela estava armada com o que parecia uma espécie de espada. Minha pulsação estava tão acelerada e forte que eu tinha certeza de que a minoica a ouvia.

— Pense em nós como um grupo de cidadãos preocupados — disse Kat.

Percebi a insegurança em sua voz e me perguntei se a Jogadora notou o quanto estávamos nervosos.

Raakel riu ao fechar a porta. Fui até a mesa no canto do quarto e, ao nos sentarmos, olhei melhor para a arma que ela segurava: um machete comprido e fino. Meu coração saltou para a garganta pela aparência da espada.

— Ah, isto? — disse ela com um sorriso frio, sentando-se ao pé da cama e colocando a arma no colo. — Chama-se yatağan. Imagino que os dois estejam armados. Eu quis igualar as coisas. Agora falem.

Kat e eu nos entreolhamos. Seu rosto bronzeado estava pálido, ou talvez fosse apenas efeito da luz do abajur. Estava assustada. Eu me perguntei se ela via o mesmo medo em mim.

Eu me virei para Raakel.

— Estamos aqui para pedir que você desista. Nosso grupo está conversando com todas as doze linhagens nesta manhã. Queremos que vocês ignorem o Chamado e parem de Jogar.

Raakel riu.

— Eu sou uma Jogadora. Treino há dezessete anos. Minha vida toda. Não é algo que eu faço; é o que *sou*. Por que diabo eu desistiria de tudo apenas porque dois estranhos me pediram?

— Os Criadores não deveriam estar mandando no mundo. Não deveriam estar brincando com a humanidade dessa maneira. É só um jogo deles.

— É um jogo *meu* — disse ela.

Kat e eu nos entreolhamos. Sabíamos que estávamos certos, mas acho que nenhum de nós se sentia muito bem preparado para convencer alguém a desistir de tudo o que fazia parte de sua essência.

— Você precisa desistir. Todos precisam. Todos os Jogadores de todas as linhagens. Veja só: se vocês não Jogarem, se evitarmos que todos Jogue, não terá o Endgame. Podemos salvar o mundo.

Raakel estreitou os olhos. Kat interferiu:

— O melhor que pode acontecer se vocês continuarem é um de vocês ganhar, apenas a linhagem do vencedor sobreviver, e as outras onze linhagens da Terra serem destruídas. Certo? É o melhor cenário se vocês Jogarem o Endgame. Milhões de pessoas ainda vão morrer.

— E vocês dois acham que o fato de eu não Jogar vai salvar essas vidas? — Raakel apertou o punho do machete. — Não sei o que vocês acreditam que entenderam sobre o Endgame, mas o mundo inteiro depende do jogo. A história da espécie humana depende do jogo. É por isso que Jogamos. Sempre foi assim.

— Mas o que acontece se ninguém Jogar? — contrapus. — Se não houver um vencedor, não haverá perdedores.

Ela sacudiu a cabeça.

— Se não houver um vencedor, *todos* seremos perdedores. Se desafiarmos os Criadores, o que os impedirá de matar a todos como punição? De nos varrer da face da Terra e recomeçar?

— Olhe isso — falei, levando a mão até alguns papéis que estavam no meu bolso de trás.

Raakel deu um salto, a espada em riste apontada para mim.

— Desculpe — pedi, parando. — Tenho algo para você ler. Posso pegar no bolso?

— Você lê para mim — ordenou ela.

Eu havia trabalhado um ano como vendedor de móveis e sabia quando estava prestes a perder um cliente. Mas no geral eles não me ameaçavam com espadas.

Com os dedos trêmulos, desdobrei as cópias das páginas.

— Isto é de um documento antigo que conseguimos de fontes confiáveis envolvidas no Jogo.

“Esta é a mentira, a única mentira que alimentou suas vidas e as vidas de todos os que vieram antes de vocês. Arrisquei tudo para tirar o véu de mistério que envolve os Annunaki... Tudo será em vão...”

“Os mu tiveram uma escolha. Vocês têm uma escolha.”

“Jogar é perder o jogo...”

“Provem aos Annunaki que vocês não são animais irracionais, que podem pensar... Que nós, todos nós, merecemos uma chance de viver.”

“Escolham questionar o que lhes foi ensinado.”

“Escolham ser livres, escolham a liberdade para todos.”

“*Escolham não Jogar.*”

Kat completou:

— Isso é da Irmandade da Serpente. Sabemos que pelo menos duas linhagens dispõem deste documento em seus arquivos. Será que você o reconhece?

— A Irmandade da Serpente? — zombou Raakel. — Quem são eles para me dizer como eu deveria Jogar? Eu nunca sequer ouvi falar deles.

— Pense um pouco — disse Kat. — Entendo o que está sentindo. Está sendo confrontada por duas pessoas que não conhece, e elas estão lhe pedindo para desistir de tudo o que você foi treinada para acreditar. Mas isto é real. Não vai ficar mais sério que isso.

Vi Raakel observar Kat com os olhos semicerrados. Sentado ali, encarando uma Jogadora de verdade, não pude deixar de ver as falhas em nosso plano. Vínhamos pensando naquilo como uma questão racional, como se os Jogadores fossem discutir nos mesmos termos. Mas até aquele momento eu não havia me dado conta da decisão emocional que estávamos lhes pedindo para tomar. Qual seria a sensação de ser persuadido a desistir de todo o seu sistema de crenças? Lembrei o quanto havia sido difícil acreditar no que a Linhagem Zero estava fazendo. Precisei ser forçado — ao perceber que não me restava nada — a me juntar a eles. Eu me perguntei: se eu de fato tivesse escolha, teria deixado Berkeley para embarcar naquela missão maluca?

Raakel passou a espada para a mão esquerda e tirou os papéis da minha mão.

— E se eu não Jogar e vocês não conseguirem convencer todas as demais linhagens? Eu terei que Jogar, senão minha linhagem será destruída.

— Saímos esta manhã para deter todas as outras linhagens — contei. — É nosso objetivo.

— Por que eu deveria confiar em vocês? Talvez estejam trabalhando para outra linhagem, tentando tirar do páreo alguns dos Jogadores.

— Olhe para mim — falei, aumentando um pouco o tom de voz. — Meu nome é Michael Stavros. Eu sou grego. Há chances de que eu seja minoico, exatamente como você. Se eu acreditasse que deter

— Você provocaria minha morte e de toda a minha família, acha mesmo que eu estaria fazendo isto?

— Que palavra é esta que você usa? *Deter*? O que isso quer dizer? A voz de Kat saiu como uma súplica.

— Quer dizer que nós queremos que você dê meia-volta e entre em um avião de volta a Istambul. Que não Jogue.

— Que eu não Jogue?

— Isso mesmo — confirmou ela. — Não Jogue o jogo.

— E o que eu digo à minha família? À minha linhagem? As esperanças de todos estão depositadas em mim. Milhões de vidas estão sobre meus ombros. Eu deveria dar as costas para minha responsabilidade?

— Você diz a eles o mesmo que estamos lhe dizendo. Que não acredita no Endgame. Que está abandonando.

Raakel se levantou. Pelo que pareceram vários minutos, andou de um lado para outro no quarto. Ela não largou o machete nem por um instante.

— E se vocês não me convencerem, como devem me deter? Sua Linhagem Zero tem um plano para isso?

Droga. Por um instante, pensei que tínhamos conseguido.

— Nós devemos deter você — respondeu Kat. — Só isso. Deter.

— Açam que vai ser fácil assim? Estão me subestimando. Conheço algumas das outras linhagens — disse Raakel. — Observamos uns aos outros. O harappaneano, por exemplo. Não vão “detê-lo”. Nem a mu. Nem muitos dos outros, provavelmente. Vocês vão fracassar. E aí o que vão fazer?

— Nós vamos detê-los — insisti. — Pode deixar.

Meus batimentos cardíacos dispararam, e eu me sentia enjoado. Precisaríamos matá-la. Um de nós tinha que sacar da arma e dispará-la antes que Raakel usasse sua espada letal.

Eu não havia atirado em ninguém desde que matei o xerife na Califórnia. Aquilo parecia ter sido tanto tempo atrás, mas permanecia muito presente. Eu ainda via o rosto daquele homem pela mira de uma arma, não importava quantas vezes tenha disparado na área de tiro.

— Vão nos deter como?

Nem Kat nem eu dissemos nada. Ficamos ali sentados, tensos, encarando a Jogadora e a espada em sua mão. Não era esse o rumo que a conversa deveria tomar. Raakel deveria ter cedido à razão. Deveria saber que não precisava Jogar. Mas percebi o quanto estávamos sendo ingênuos.

Um de nós vai morrer.

Raakel iria usar a espada e matar um de nós e, se tivéssemos sorte, o outro sacaria a arma e atiraria antes de ela se virar contra ele. E essa era a melhor hipótese. A pior era a que nenhum dos dois sairia dali vivo. Estávamos enfrentando pessoas que haviam sido treinadas por mentores como Walter.

Os Jogadores eram bons demais para nós. E haviam sido doutrinados desde o nascimento. Não iriam ser convencidos em uma conversa de 20 minutos. Não iriam desistir de tudo o que haviam sido criados para acreditar.

— O livro da Irmandade da Serpente vai além — falei, tentando fazer Raakel pensar sobre alguma coisa além de nos matar e o significado de “deter”.

— O que mais há nele? — perguntou ela, mas estava sorrindo, brincando conosco.

Aquele era o começo do seu jogo. Ela estava gostando. Duas mortes fáceis antes de seguir para o verdadeiro Chamado.

— Relata a história do jogo — contei. — Explica como os Criadores começaram o Endgame na intenção de ser apenas isto: um jogo.

Kat interferiu.

— Você não precisa lutar. Os Criadores começaram tudo como um esporte para eles mesmos. No começo, vinham nos caçar. Depois nos voltaram uns contra os outros.

Enquanto eu a observava, percebi uma coisa: aquilo era verdade. Eu havia tido minhas dúvidas ao longo de todo o verão, na fazenda, ouvindo John e Walter falarem todas as noites sobre os Jogadores, o Chamado, o próprio Endgame. Mesmo quando fomos entregar os convites, havia uma voz na minha cabeça que me dizia que Agatha, Walter e todos os outros eram malucos. Que alienígenas não existiam. Mas naquele momento eu precisava encarar os fatos. Realmente havia Jogadores. Eles tinham mesmo respondido aos

nossos convites bizarros. Eles não apenas eram *obrigados* a Jogar. Estavam ansiosos por isso.

Raakel se levantou, e fizemos o mesmo. Senti a arma pesada e fria nas minhas costas.

— Terminamos — disse ela.

— Por favor — implorei. — Leia as páginas.

Apontei para os papéis com Raakel. Se ela se distraísse e olhasse, poderíamos dar o bote.

Ela relanceou os papéis e riu.

— Não me importo com o que seu livro diz. Não sei de onde veio, e não há motivo para eu acreditar nele. Como eu disse: e se vocês forem de outra linhagem? Talvez estejam tentando se livrar da concorrência.

— Leia as páginas — repeti.

Ela riu e obedeceu, e imediatamente Kat e eu pegamos nossas armas.

Houve um lampejo de movimento, os papéis caindo. Raakel devolveu a espada para a mão direita — não estava preparada. A arrogância tinha tomado conta dela.

Vi a Beretta na mão de Kat antes de sacar a minha.

Raakel girou a lâmina bem quando Kat disparou.

A espada atingiu o braço de Kat, que gritou. Raakel resmungou alto, lembrando um jogador de tênis cuja raquete houvesse acabado de rebater um saque forte.

Minha arma estava empunhada, e disparei. Estávamos perto demais para haver erros, mas eu estava assustado, trêmulo, e meus tiros erraram os alvos: o primeiro a atingiu na coxa, depois a acertei na barriga três vezes.

Kat soltou a Beretta da mão ferida, e Raakel largou a espada.

— *Aman tanrım* — disse Raakel, cambaleando para trás e se sentando na cama.

Havia sangue por todo lado — respingos pelos cobertores, um sinal claro de que as balas tinham saído pelas costas. Ela estava com as mãos no abdômen.

— *Aman tanrım* — repetiu ela, sugando ar e esvaindo-se em sangue. — *Bok*. O que vocês fizeram?

— Precisávamos deter você — respondi.
Ao meu lado, Kat correu para o banheiro.
— Kat? — chamei.
— Preciso de uma toalha — respondeu.
Ela deixou uma trilha de sangue no carpete.
— Precisamos sair daqui! — anunciou.
— Vocês são uns tolos — disse Raakel, se encolhendo. — Não podem deter todos. Não podem deter os Criadores.
— Você deveria ter nos escutado — retruquei.
— Alguém assumirá meu lugar. — A voz de Raakel estava fraca. — Não sabiam? E alguém assumirá o lugar dele. E assim por diante. Não há como nos deter.
— Vamos deter todos — declarei.
Ela fez uma careta, encurvando-se para a frente.
— Vá, me mate — pediu ela. — Você quer me deter, vá em frente. Vou sangrar até morrer.
Apontei a arma para a cabeça dela.
Ali estava o xerife. Ali estava Tommy. Todos me encarando com olhos sem vida por cima do cano da arma.
Kat voltou.
— Temos que sair daqui. — Ela estava com uma toalha de mão branca enrolada no braço. — Preciso que você amarre isso.
— Anda logo — insistiu Raakel.
Não consegui me obrigar a olhar para ela.
— Atire — disse Kat.
Disparei duas balas na cabeça de Raakel de olhos fechados. Quando os abri outra vez, ela estava caída para a frente, escorregando da cama para o chão diante de mim.
— Você tentou, Mike — disse Kat, cerrando os dentes por causa da dor. — Nós dois tentamos o máximo que pudemos.
— Tentamos mesmo? Bem, não foi bom o bastante. — Senti a garganta apertar e as lágrimas se acumularem, quentes e dolorosas.
— Kat, não sei se vamos convencer qualquer um deles.
— Preciso que você amarre isto — repetiu ela, a voz trêmula.
Eu me virei e a olhei. Estava pálida e assustada.

— Vamos lá — pediu ela. — A polícia virá atrás de nós a qualquer momento. Devemos ter acordado o hotel inteiro.

Coloquei a arma de volta na cintura e segurei as pontas da toalha.

— Como está? — perguntei, enquanto amarrava o curativo improvisado.

— É na parte de trás do braço — explicou ela. — Não pegou nenhuma artéria ou coisa parecida. Mas foi até o osso. Preciso levar pontos.

Apertei a toalha e me abaixei para pegar a arma que havia caído. Ela a segurou com a mão esquerda.

— Há uma escada nos fundos — disse Kat.

— Está bem.

Ela pegou um roupão do armário e o vestiu, colocando a Beretta no bolso. No corredor, vimos uma dezena de outros hóspedes, a maioria de pijama ou roupão. Todos pareciam cansados e assustados, imaginando de onde teria vindo o barulho. Boatos sobre o que estava acontecendo nos alojamentos olímpicos deviam estar se espalhando. Kat e eu mantivemos a calma, tentando assumir a mesma expressão dos outros.

Um funcionário do hotel fez um anúncio em alemão que não compreendi, mas Kat, sim.

— Vamos embora — disse ela.

— Pelos fundos?

— Não, pelo saguão.

Na recepção, Kat fez uma pergunta em alemão ao atendente, que assentiu com a cabeça.

Ele abriu uma gaveta, perfeitamente organizada com todo tipo de artigos de higiene: escovas de dentes, toucas de banho, cortadores de unha. Tirou um pacotinho e uma caixinha de fósforos e os entregou a Kat.

— *Danke* — disse ela.

— *Bitte*.

Sáímos pela porta da frente e atravessamos a rua até um parque. Ainda estava escuro, mas o céu a leste começava a clarear.

— O que é isso? — perguntei, enquanto ela me levava até uma mesa de piquenique.

— Um kit de costura — respondeu ela, sentando-se e abrindo o pacotinho, revelando linha, agulhas e dois botões. — Você vai dar pontos no meu braço.

Capítulo Dois

Tínhamos um kit de primeiros-socorros na mochila, que Kat abriu e de lá pegou dois analgésicos. Abri uma compressa de álcool e passei sobre o corte imenso. A lâmina turca havia desenhado uma linha perfeita — um corte limpo através do moletom, da pele, do músculo, até o osso. Acendi um fósforo para esterilizar a agulha e então tentei seguir as instruções de Kat para costurar a ferida. Levei alguns minutos para pegar o jeito — estava hesitante primeiro, sabendo quanta dor ela devia estar sentindo —, mas logo entendi o que precisava fazer. A cicatriz ficaria horrorosa, mas ela me disse que aquilo precisava ser feito.

Enquanto eu trabalhava, Kat pegou o walkie-talkie para relatar os acontecimentos. Como estava com o fone de ouvido, eu não acompanhei a maior parte da conversa.

— Nós tivemos que matá-la — contou. — Sim... Não, não havia opção... Não. Não. Pelo menos eu acho que não... Sim. Mike está me dando pontos, mas não vou conseguir usar minha mão direita. Acho que cortou o músculo e os tendões. Preciso ir a um hospital... Estamos em um parque em frente ao hotel... Tudo bem. A gente se vê.

Houve uma longa pausa, e Kat olhou para o corte. Ela estava muito mais confortável com o sangue e com o fato de estar sendo suturada do que eu. Não sei que tipo de analgésicos ela havia tomado, mas deviam ser fortes. Kat havia preparado os kits de primeiros-socorros, e eu podia apostar que os remédios vinham da clínica em que ela trabalhara — não eram remédios vendidos sem receita.

— Como vamos explicar isto em um hospital? — perguntei. — As pessoas não costumam dar pontos em si próprias.

— Você ficaria surpreso com o que as pessoas fazem — declarou ela. — Muitos pacientes se automedicam e fazem coisas malucas como tentar arrancar dentes com alicates ou fechar um corte com cola universal. O que, aliás, não é tão maluco. Funciona muito bem em coisas pequenas. Os médicos usam no Vietnã. Mas não sei se há estudos sobre a toxicidade.

— Você não vai conseguir usar a mão?

— Não, já que você não está suturando os tendões. Por isso vou precisar de um médico.

— Então qual é a vantagem de dar os pontos?

Ela sorriu apesar da dor.

— Para o sangramento.

— O que o John disse? — perguntei, apontando para o walkie-talkie.

— A Mary e o Tyson também precisaram matar o Jogador deles. O koori. O Tyson levou um tiro, e os dois estão no hospital. O Walter saiu para se encontrar com o cahokiano. Ele acha que vai conseguir argumentar, já que os dois se conhecem.

Eu me concentrei na última parte do corte, enquanto Kat me ensinava a finalizar e dar o nó na linha. Quando terminei, segurei a mão machucada. Ela mexeu um pouco os dedos, só para ver o que ainda poderiam fazer.

— Sinto muito — falei. — Achei que sacaria minha arma mais rápido do que o ataque dela.

— Tudo bem — disse Kat.

— Mas quer saber? Achei que ela seria muito mais difícil de matar. Achei que teria alguma espécie de truque na manga. O Walter e a Agatha fizeram esses caras parecerem muito piores do que são.

— Não sei. Não foi você que levou um golpe de espada.

Dei uma risadinha.

— Justo. Sabe o que é estranho? A polícia não está indo para o hotel. Nós atiramos quantas vezes? Cinco? Seis? E não há ninguém lá para investigar.

— Talvez tenha ido, mas as viaturas não estivessem com as sirenes ligadas. Não dá para ver a entrada do hotel daqui.

Assenti com a cabeça. Talvez estivessem indo de quarto em quarto com uma equipe de táticas especiais, procurando por furos de balas, por corpos. Encontrariam Raakel, a espada e pronto. Seria um enigma que jamais solucionariam.

Pelo menos eu esperava que jamais solucionassem. Nenhum departamento de polícia acreditaria no Endgame. Nem mesmo quando encontrassem Raakel e o koori.

— O que devemos fazer quanto ao axumita? — perguntei, de repente preocupado com todo mundo. — O Rodney, o Jim e a Julia não voltaram da Etiópia. A Agatha não viu o Jogador axumita. Será que devemos supor que ele os matou?

— Talvez a bomba tenha detonado cedo demais e os matou.

— De qualquer maneira, é uma ponta solta que precisamos amarrar.

— Talvez. — Então ela parou. Seu rosto ficou ainda mais pálido do que já estava. — Espere. Mike, você pegou as páginas que estavam no chão... as coisas da Irmandade da Serpente?

Meu coração parou.

— Não. E aquela é minha única cópia.

— Aquela é *nossa* única cópia — corrigiu ela. — Mas não é com isso que estou preocupada. Nossas digitais estão naqueles papéis.

— Vão estar na mesa e nas cadeiras também — lembrei.

— É, mas vai ter milhares de impressões digitais na mesa, de todo mundo que já ficou naquele quarto. Mas aqueles papéis levam diretamente até nós, apenas às nossas impressões e às da Raakel. Vamos ser inseridos em um banco de dados da Interpol ou coisa parecida.

— Mas eles não vão conseguir nos ligar a nada — comentei. — Não é?

— E o roubo à loja de armas? O assalto ao banco? Nossas impressões digitais estavam no banco.

— Não há motivo para um tiroteio nas Olimpíadas de Munique vir a ser relacionado a um assalto a banco na Califórnia. Ninguém faria a conexão. Ninguém iria comparar as impressões digitais.

Ela aproximou mais o roupão no corpo, como se estivesse com frio.

— Só que tem um ataque terrorista acontecendo ao mesmo tempo que estamos matando gente nos quartos de hotel. E quantas testemunhas nos viram saindo por aquela porta?

— Não podemos voltar lá — declarei. — Não temos como recuperar os papéis. Estamos ferrados, Kat.

— É — concordou ela. — Precisamos falar com o John e o Walter. Eles estão todos vindo para cá, depois que a Mary terminar com o Tyson.

— Por que aqui?

— É meio que uma localização central. Vamos todos nos encontrar e tentar táticas novas.

Assenti com a cabeça.

— Ótimo. Porque a Raakel foi indiferente aos nossos argumentos.

Kat se levantou, mas pareceu um pouco insegura.

— Você está bem? — perguntei.

Ela era mais forte do que a maioria das pessoas que eu conhecia, mas todo mundo tem um limite. Era inacreditável que eu ainda não tivesse chegado ao meu.

— Vamos para uma parte mais escondida do parque.

— Tudo bem. E você precisa se livrar do roupão.

— Todo mundo está de roupão — observou ela, apontando para os hóspedes do hotel que ocupavam as ruas desde que o alarme havia disparado. — Vista você.

— Mas não queremos dar a impressão de que saímos de lá.

Kat fez uma careta.

— Você precisa entrar lá rápido — respondeu, com a voz meio arrastada. — Vá agora, enquanto todo mundo está do lado de fora e a polícia ainda não chegou. Eu iria com você, mas acho que não estou em condições para o serviço.

Eu a ajudei a se sentar em um banco do parque, mais longe da rua, já que o dia clareava.

— Fique aqui — ordenei.

Olhei mais uma vez para o corte no braço dela e para meus pontos desiguais e malfeitos. Ela definitivamente ficaria com uma cicatriz — mas com sorte recuperaria o movimento dos dedos. Pelo menos o sangramento havia parado.

Ela pegou uma bolsinha no kit de primeiros-socorros — algum bactericida — e a espalho o conteúdo sobre o corte.

— Pode me ajudar com o curativo? — indagou, pegando quadrados de gaze no kit de primeiros-socorros.

Ela segurou o algodão com a mão esquerda, e o prendi com esparadrapo. Eu não era médico — enrolei uma faixa de esparadrapo em volta do braço dela duas vezes.

Peguei o roupão e vesti. Deixei a arma com ela, na mochila. O roupão ficou justo, mas ninguém parecia bem vestido. Todos haviam sido despertados pelo alarme de incêndio no começo da manhã. O fato de que meu roupão tinha sangue pareceu passar despercebido pela multidão. Havia muito sangue, mas a maioria das manchas estava na parte interna do tecido felpudo, sem permear. Apesar do alarme de incêndio e do barulho de balas, havia apenas dois caminhões de bombeiros no local — nada de polícia.

— Absurdo — disse um homem ao meu lado, com um sotaque bem britânico. — Ser acordado neste horário é um absurdo. Eles nem sequer sabem o que estão procurando. Não estou vendo nenhuma fumaça. Você está?

— Não — respondi. — E preciso entrar. Se tiver um incêndio, tenho documentos lá dentro que não podem ser destruídos.

— Boa sorte. O recepcionista está mandando todo mundo dar meia-volta.

Como não tinha uma boa visão da entrada, me despedi do sujeito com um bom-dia e dei a volta em um caminhão de bombeiros, com a palavra FEUERWEHR escrita na frente. Havia um único homem no topo da escada — careca, de terno e gravata, que estava garantindo aos hóspedes, em inglês e alemão, que tudo ficaria bem. Ele disse que provavelmente se tratava de um alarme falso.

— Espere — disse uma voz atrás de mim.

Levei um susto e olhei para trás.

Era John.

— Como chegou aqui tão rápido? — perguntei.

— Eu estava aqui perto, no hotel Staatlich. Diga adeus ao la Tène.

— Achei que a Agatha fosse atrás dele.

— A Agatha conversou com o la Tène ontem à noite. Mas ele não aceitou. Sobrou para nós... Ele não concordou em parar de Jogar, e ela disse que não ia matar ninguém.

— Você precisou matar?

Ele fez que sim com a cabeça, os lábios fechados em uma linha fina.

— Acho que vamos ter que matar mais hoje.

Suspirei e sacudi a cabeça.

— A minoica machucou bastante a Kat — contei. — Precisei matá-la. — Dei uma risada cansada. — A minoica, não a Kat.

— Entendi o que você quis dizer. Onde ela está?

— No parque. Dei uns pontos, mas ela não vai poder usar a mão direita por um bom tempo.

— Droga.

— É. E deixei provas no quarto. Preciso entrar lá.

— O que você deixou?

— Os papéis da Irmandade da Serpente.

— Ajudaram muito, hein?

— Pois é — retruquei, irritado com o tom casual de John.

Ele era sempre assim. Era Walter quem latia as ordens. John apenas falava como uma pessoa normal. Falava como um pacifista boa parte do tempo, e quase nunca o vi dar uma bronca em alguém.

— Quem disse que você precisa voltar lá para pegá-los?

— Nossas digitais estão naqueles papéis.

— É um risco que teremos que correr. Você não pode voltar lá.

— Mas são aqueles papéis que deveriam convencê-los a se juntar a nós — observei, cada vez mais em pânico. — Não temos muitas cópias.

— Mike — disse John —, acho que está na hora de você encarar os fatos. A negociação não funcionou. Só precisamos entrar, eliminá-los e sair.

— Podemos continuar tentando — sugeri.

— Mike — insistiu John, agarrando meu braço. — Você não esperava que isso funcionasse mesmo, não é? Esses Jogadores são matadores treinados. Toda a vida deles foi construída sobre a ideia de que o Endgame é real e que eles vão salvar a linhagem a que

pertencem, isto é, que todo mundo que conhecem e amam será morto se eles não vencerem. O plano de tentar negociar era idealista e não está funcionando.

— Eles não são tão bons assim — falei. — Você os descreveu como metade mestres do kung-fu e metade pistoleiros. E até agora matamos a minoica, o koori, o la Tène e o cahokiano. Esses Jogadores não são tudo o que esperávamos.

— Ainda não temos notícia do Walter a respeito do cahokiano. A Barbara e o Douglas também não se apresentaram em relação à olmeca. O Tyson levou um tiro. Não sabemos nada do Larry, do Lee e da Lin, ou da Molly, do Henry e da Phyllis. Do Bakr também. Não cometa o erro de pensar que vai ser fácil.

— A Mary está bem? — perguntei.

— Está. Só uns arranhões.

— Precisamos repensar. Não estamos alcançando nenhum dos resultados que imaginamos. Vai se transformar em um banho de sangue.

— Estamos alcançando, sim, e já é um banho de sangue — disse John, com uma ferocidade nos olhos que eu nunca vira antes. — Vai me dizer que você pensou que isto terminaria pacificamente? Nós alertamos: os Jogadores são matadores treinados, não diplomatas. Estão aqui para fazer uma coisa: matar a todos os que entrarem no caminho. Precisamos passar para o plano Charlie.

— Plano Charlie? Entrar atirando? E o plano Bravo? E conversar com eles?

— Estamos perdendo — respondeu ele. — Matamos três ou quatro deles, e eles podem ter matado até metade de nós. E nem amanheceu ainda.

Minha cabeça estava girando. O pânico não me deixava pensar direito.

— Só me deixe entrar lá para pegar aqueles papéis. John, por favor. Minhas digitais estão por toda a parte. Eu não posso ser ligado a isso. Não posso.

Kat havia chegado ao limite. Talvez eu estivesse chegando ao meu.

John agarrou meus ombros e me olhou bem nos olhos.

— Mike, você está acompanhando o que está acontecendo aqui hoje?

— Como assim? O tiroteio no hotel Olímpico?

— Não é só um tiroteio. São terroristas. Setembro Negro, uma facção da OLP. Você conhece a OLP, certo, que explode ônibus em Jerusalém e sequestra aviões? Você se lembra, dois anos atrás, da grande crise dos reféns que aconteceu depois que aqueles aviões foram sequestrados cheios de passageiros? Trezentas e dez pessoas de quatro voos mantidas no deserto?

— Sim, lembro.

Minha visão estava ficando turva. Era difícil lidar com toda aquela informação. Estava tudo saindo do controle.

— São aqueles caras. Esta manhã, vários deles, dizem que cerca de vinte, ninguém sabe ao certo, invadiram os quartos de hotel da delegação israelense. Um cara, treinador de luta livre, escapou por uma janela, mas é tudo o que se sabe até agora. Houve disparos.

— Eles estão atrás dos atletas?

— Estão. E vai ser um desastre. Pode acabar com as Olimpíadas deste ano. E você precisa entender que esses caras não vieram a Munique pensando que iriam escapar. É uma missão suicida e estão com toda a equipe israelense. Isso pode significar o começo de uma guerra.

— Mas o que isso tem a ver conosco?

— Você nunca viu uma resposta policial como a que teremos aqui. Os protestos no Parque do Povo vão parecer um piquenique.

— Então, mais um motivo para eu entrar no hotel e recuperar aqueles papéis. São a única pista que deixamos no quarto, e quando a polícia os encontrar vai procurar impressões digitais.

— Suas impressões digitais estão registradas? — perguntou ele, olhando por cima do meu ombro para o recepcionista na entrada do prédio.

— Estão. Precisei registrar para me tornar guarda florestal.

— Mas você não está em nenhum banco de dados nacional de digitais, está? Quem vai comparar aqueles papéis com impressões digitais do sul da Califórnia? Você está entrando em pânico e não está pensando com clareza.

Passei a mão pelos cabelos.

— Quanto mais tempo passamos conversando, menor a probabilidade de eu chegar em segurança ao quarto.

— Você não vai voltar lá, Mike. Sinto muito, mas não posso deixar você fazer isso.

— Você não pode *deixar*?

John puxou um pouco a jaqueta para trás, exibindo o suficiente da arma para eu entender o que ele estava querendo dizer.

— Não posso deixar — repetiu.

Eu não podia acreditar no que estava acontecendo. O pacífico e hippie John estava me ameaçando. Talvez ele não fosse realmente ligado em paz, amor e tudo aquilo. Talvez fosse apenas um truque, e aquela fosse sua verdadeira personalidade. Era como se metade do treinamento que havíamos recebido fosse um blefe para nos enganar e nos fazer acreditar que éramos mais do que apenas assassinos.

— Eu vou entrar — insisti.

A mão dele agarrou meu braço, mas eu me soltei e corri para o hotel.

Capítulo Três

No topo da escada, o recepcionista me barrou.

— Você não pode entrar — disse ele, num inglês com sotaque forte. — *Sie können hier nicht reinkommen.*

— Vou levar apenas um minuto — expliquei.

— Mas, senhor, não é seguro. *Sie sind in Gefahr. Achtung!*

— Volto já — falei, passando por ele com um empurrão.

— Senhor! — chamou ele. — Senhor!

Virei e corri para a escada. Ainda não havia policiais ali, apenas bombeiros. Mesmo assim, passei minha arma da parte de trás da calça para o bolso grande do roupão. O peso fez o roupão ceder. Subi os degraus depressa e em silêncio até chegar ao quarto andar. Havíamos corrido tanto nas montanhas da fazenda de Mary que meu fôlego estava inalterado quando cheguei à porta certa. Eu sabia que o quarto ficava a quarenta jardas dali. Não gostei de rever Raakel. O rosto dela tinha se juntado aos outros gravados na minha memória. O cérebro e o sangue dela estavam espalhados pelos lençóis. Eu jamais seria capaz de esquecer aquilo.

Avistei a porta. Não estava totalmente fechada, mas não havia bombeiros nem fita de cena de crime no local. Empunhei minha M1911 e me aproximei com discrição da porta.

Eu não deveria ter sentido tanto medo. Kat e eu havíamos ficado frente a frente com uma matadora treinada e vencido. Foi uma vitória plena, com exceção do ferimento no braço de Kat. Mas entrar no quarto mal iluminado fez aquilo parecer um desastre. Havia sangue por todo lado. Não era como um tiroteio no cinema, com um simples buraco na testa e uma poça de sangue embaixo do corpo dela. Não, ela estava jogada para baixo, o rosto virado para o chão, e dava para ver os imensos buracos na parte de trás da cabeça.

Havia tufo de cabelo e pedaços de couro cabeludo em cima da cama, e o sangue havia sujado o cobertor e se espalhado.

Eu via o xerife em minhas lembranças, mas aquilo era pior. Ele era um gordo de meia-idade com uma arma. Raakel era uma atleta de elite de 17 anos. Sexy. Armada apenas com uma espada turca. E eu havia conversado com ela. Argumentado com ela. Aquilo não tinha sido uma simples execução. Fora uma negociação. Eu não tinha me dado conta de que iria degringolar tão rápido, mas foi o que aconteceu, e não havia nada que eu pudesse fazer a respeito.

Eu deveria ter nutrido menos esperança. Criei a expectativa de que conseguiria conversar com ela até chegar a uma solução pacífica e me apegara tanto a isso que não percebi que havia perdido. Era minha culpa que Kat estivesse ferida.

Os papéis estavam no chão com apenas uma ou duas manchas de sangue. Eu me abaixei para pegá-los.

— Não se mexa.

Um sotaque americano. Ouvi o barulho de uma arma sendo engatilhada.

Meu coração afundou. Eu não havia escutado a porta, não havia visto uma sombra. Mas a voz estava bem perto, atrás de mim.

Levantei as mãos. Eu havia tirado a M1911 do bolso e ainda estava com ela na mão.

— O que você quer?

— Adivinhe.

— Acabei de chegar aqui. Não fiz nada.

— Olhe para a frente — disse ele. — Está se perguntando o que eu quero?

— Não sei de nada.

— Certo.

Ele se aproximou de mim e pegou minha arma. Eu o ouvi extrair a munição.

— Não sou quem você está procurando.

— Por que está armado?

— Olhe para este quarto. Por que acha que estou armado? Estamos todos em perigo.

— Em perigo por causa de quem?

Comecei a me virar para descobrir com quem eu estava falando. Um Jogador, talvez? Ele era americano. Talvez um parceiro do la Tène? Talvez um minoico com um sotaque muito bom?

— Fique olhando para a frente.

Parei.

— Quem é você?

— Eu é que faço as perguntas.

Ele agarrou minha mão e a torceu até minhas costas. Senti o metal de uma algema se fechando. Eu precisava escapar. Não podia deixar que ele me pegasse ali e me levasse para uma cela de cadeia. Eu precisava voltar para Kat e John.

Puxei a mão com força e girei, fazendo o homem soltar a algema. Mas, quando fiz um movimento na direção dele, seu revólver apontou com firmeza para meu peito. Ele o segurava com as duas mãos, o dedo no gatilho.

— Pare — disse ele. — Ou vai acabar morto ao lado da sua Jogadora.

Eu o encarei. O quarto estava escuro; a única luz vinha do corredor, e transformava o sujeito em uma silhueta. Olhei para o rosto dele e fiquei em silêncio, sabendo que ele poderia dar um tiro mais rápido do que um movimento meu.

— Como sabe sobre os Jogadores? — perguntei.

— Ponha a outra algema no seu pulso.

— Diga como sabe sobre isso. Se sabe e está me detendo, será tão culpado quanto os próprios Jogadores.

— Ponha a algema.

Fiz como ele ordenou. Eu estava imobilizado com as mãos na minha frente.

— Vamos para outro quarto — disse ele. — Para algum lugar onde possamos conversar.

Ele pegou os papéis da Irmandade da Serpente e os enfiou no bolso do terno. Depois me guiou porta afora. Em vez de descer, subimos. Não havia ninguém por perto, nenhum bombeiro, nenhuma camareira. Ninguém.

— Quem é você? — perguntei enquanto caminhávamos, eu na frente, ele me dizendo aonde ir.

— Trabalho para o governo americano. Na segurança das Olimpíadas. Eles me mandaram atrás de vocês.

— Então você não deveria estar protegendo os atletas olímpicos?

— Continue.

Eu estava trabalhando com prazo. Precisava me afastar dele antes de a cavalaria chegar. Tentei argumentar.

— Se você sabe sobre os Jogadores, precisa entender por que estamos fazendo isto.

— Tudo o que entendo é que muita gente está morrendo hoje. Vocês fazem parte disso? Estão matando israelenses também? Fazem parte do Setembro Negro?

— Estou por fora disso tudo. Você deve saber mais sobre eles do que eu.

O homem abriu a porta de um quarto e me empurrou.

Ele me sentou em uma cadeira diante de uma mesinha redonda, prendendo uma das minhas mãos algemadas no apoio de braço, e então se sentou na cama para fazer uma ligação, ainda de olho em mim. Ele falou ao telefone por muito tempo — talvez uma hora, talvez mais. Tentei captar trechos da conversa, mas era difícil acompanhar pela metade, e a pessoa do outro lado da linha era quem falava mais. Ele estava escutando, esperando ou coisa parecida.

Por fim, desligou e foi até a janela.

— Sei que você matou um xerife em Redding, na Califórnia. Sei que você faz parte de um grupo terrorista militante chamado Linhagem Zero. Sei que vocês passaram o verão treinando para matar doze garotos como aquela menina no outro quarto.

— Ela é uma matadora treinada.

— Era. E você também.

— Escuta — retruquei. — Você parece saber muito sobre isso. Tem que saber do perigo que estamos correndo se não encontrarmos todos os Jogadores.

— Ou melhor: se vocês não matarem todos os Jogadores.

— Não, não é isso. Você precisa entender: estamos tentando conversar com eles. Nosso objetivo não é matar um monte de gente. Estamos tentando detê-los. Para não Jogarem.

Ele abriu um sorriso afetado.

— Porque é assim que vocês vão deter os alienígenas, certo?

— É — respondi, irritado. — Sei que parece loucura, mas é verdade.

— Prove.

Minha cabeça foi a mil. Eu não fazia ideia de como sairia daquela só na conversa. Ele estava com uma arma apontada para meu peito.

— Nós simulamos um Chamado — contei. — Você sabe o que é um Chamado?

— É quando todos se reúnem... os doze Jogadores.

— Isso, mas é quando o Endgame começa. Quando todos tentam matar uns aos outros, lutar pela sobrevivência. O fato de que eles estão aqui, de que estão preparados para matar, deveria provar que é verdade.

— Bela tentativa — comentou ele. — Talvez eles sejam tão malucos quanto vocês. Dois lados da mesma seita. O que quero saber, Michael...

— Meu nome é Frank Finn.

— Isso será uma surpresa para seus pais, em Pasadena. Qual é, acha mesmo que não fiz meu dever de casa? Nós conversamos com seus pais. Eles sabem da seita. Sabem da morte do xerife. Agora me conte. Fale sobre ele.

— O xerife? Só estava no lugar errado.

— Foi o primeiro assassinato que você cometeu?

— Não. Foi a primeira vez que fiz alguém morrer — respondi, irritado. — Não foi planejado. Não sou um assassino. Eu o matei, mas não sou... não é o que você pensa.

O americano encontrava-se sentado diante de mim à mesa ao lado da janela no hotel. Meu pulso esquerdo estava algemado ao braço de uma velha cadeira de madeira. Quando me encostava, o braço se soltava. Pensei que conseguiria soltar as algemas se ele olhasse para o outro lado. Eu precisava estar pronto para dar no pé. Só teria uma chance de fugir.

— Como assim não foi um assassinato? — perguntou ele, o rosto parecendo uma máscara. — Explique para mim porque não estou entendendo.

— Foi legítima defesa.

Senti o coração martelar no peito. Eu nem sabia mais se estava blefando ou se era verdade.

— Você havia acabado de matar outros dois homens. Foi legítima defesa também?

— Eu não matei aqueles dois homens.

— Então foram seus amigos.

O agente — da CIA, do FBI talvez? — se levantou da cadeira e percorreu o quarto de um lado a outro. Eu não fazia ideia de como ele havia traçado os paralelos entre mim e qualquer coisa que aconteceu na Califórnia. Os papéis da Irmandade da Serpente estavam na mesa — ninguém havia procurado por impressões digitais, e as digitais do sujeito também acabaram ficando neles.

Eu não sabia o que dizer. Tudo o que sabia era que precisava dar o fora, e rápido. A equipe estava contando comigo. Kat estava contando comigo. Não tínhamos muito tempo.

Era provável que ela já tivesse ido embora. Eu estava no hotel fazia tempo demais. Era improvável que ela estivesse esperando no parque, como eu a havia deixado. John esteve lá. Os dois podiam ter considerado que fui capturado, que era uma causa perdida. John havia mostrado sua face verdadeira. Ele era implacável. Não se importava com nenhum de nós.

Kat não iria me abandonar. E sabia que eu não a abandonaria. Ela precisava saber que alguma coisa havia me impedido de voltar. Ela esperaria.

Não, Kat precisava ir para um hospital. Será que alguém ainda estaria esperando por mim? Os bombeiros deviam ter ido embora. Caberia às forças policiais de Munique se preocupar com o corpo de Raakel e estavam tão ocupadas com as Olimpíadas que talvez demorassem horas para chegar ali. John disse que todos nos encontraríamos no parque, mas eles deviam ter ido embora sem mim. Não podiam esperar tanto tempo.

— O policial havia acabado de dar um tiro no peito do meu amigo — contei, pensando rápido.

— Seu *amigo* levou um tiro no peito durante o assalto à mão armada que vocês fizeram em uma loja. Você está sendo acusado de

roubo, assalto à mão armada e assassinato, e isso nem começa a explicar o que você está fazendo aqui, na Alemanha.

Ele era o único agente ali — sozinho e burro. Talvez fosse apenas do consulado dos Estados Unidos e, claramente, não fazia ideia de quem estava a sua frente. Achava que eu era só um terrorista qualquer. Mas eu não era. Eu fazia parte da Linhagem Zero. Estávamos envolvidos em algo muito maior do que a vida de um xerife da Califórnia. Muito maior do que um agente do FBI ou da CIA. Muito, muito maior do que eu. Ele estava me fazendo perder tempo, e tempo era a única coisa de que precisávamos a nosso favor.

— Olhe só, posso usar o banheiro? — pedi. Já havia examinado o local atrás de qualquer coisa útil em uma fuga. Não era uma prisão; era um hotel. Alguém havia dormido na cama na noite anterior, pois ela não estava arrumada. — Estamos sentados aqui há horas.

Ele me encarou com os olhos semicerrados.

— Vou deixar você se levantar quando terminar de responder às minhas perguntas.

Ele se inclinou para a frente, tentando me intimidar.

— Por que está em Munique? Qual seu plano aqui?

— Quero um advogado.

— Não estamos nos Estados Unidos — disse ele. — As regras são outras.

— Outras? — repeti, com um riso nervoso. — Você é americano, eu também. A Constituição protege meus direitos.

— Aqui está a lista de passageiros do seu voo que partiu de Reno. Vou ler os nomes, e você vai me dizer quem mais está no seu grupo.

— Sério? — Soltei uma risada. — Achei que você já tivesse todas as respostas. Você não faz ideia do que está acontecendo. Nenhuma ideia.

Enquanto o agente falava, eu me recostei na cadeira. O apoio de braço não estava solto o suficiente. A junta estava desconectada, mas o encosto batia na parede, e não havia espaço para tirar a algema. Agarrei o braço, tentando adivinhar quanto pesava.

O agente voltou a se sentar, com a cadeira o mais próximo possível da mesa.

— Sei que você não está aqui sozinho. Quem mais daquele voo está trabalhando com você? Soube de Katherine McKnight. Kat.

— Você está me fazendo perder tempo — retruquei. — Preciso sair daqui. Não tenho tempo.

Agarrei o braço da cadeira com a mão esquerda algemada.

— Se é tão importante, por que não me diz o que é?

E então me dei conta.

— Eugene — falei, olhando para ele. — Você andou falando com o Eugene. É assim que sabe de tudo isso.

Ele endireitou a gravata em um gesto presunçoso.

— Eugene West. Fomos alertados a ficar de olho em vocês. Eu sabia que começariam a matar hoje, mas não sabia da magnitude. Diga: como vocês se envolveram com o Setembro Negro?

— Você não faz ideia do que está falando — respondi, sacudindo a cabeça. — Não estamos com o Setembro Negro.

Ele se inclinou na minha direção; nossos rostos estavam separados por poucos centímetros.

— Então me explique.

Empurrei a mesa com a mão direita, virando-a em direção à barriga do agente. Fiquei de pé em um salto, puxei a cadeira e a atirei nele. Ela perdeu um pouco de impulso ao raspar na parede, mas ainda assim o atingiu com força. A cadeira quebrou ao bater no ombro dele e na mesa, mas o apoio de braço continuou na minha mão. Acertei o agente no rosto com o pedaço de madeira até derrubá-lo. Ele ficou confuso, e abri caminho entre a mesa e os pedaços de cadeira quebrada.

Ele fez menção de pegar a arma, afastando devagar o que sobrou da cadeira. Sua cabeça sangrava, e muito. Bati nele de novo com o braço da cadeira e desferi um gancho de direita. Ele parou de lutar, e arranquei a pistola de seu coldre.

Retirei a algema do braço quebrado da cadeira e me ajoelhei ao lado do agente para procurar as chaves. Eu as encontrei no momento em que ele arriscou um soco fraco. Fui pego desprevenido e cambaleei ligeiramente para trás. Mas estava com as chaves e a arma dele, e segurei a pistola na mão esquerda enquanto abria as algemas.

Capítulo Quatro

Pus uma algema no pulso esquerdo dele e o preendi ao aquecedor. Depois peguei uma toalha de mão no banheiro e a usei como mordaca.

— Quer saber o que estamos fazendo aqui? — perguntei enquanto revirava o armário.

Havia um terno lá, mas não era o que eu queria. Só precisava de uma camisa que não estivesse coberta pelo sangue de Kat. Então me ajoelhei e abri o zíper de uma bolsa de academia.

— Estamos salvando o mundo — continuei. — Vocês devem ter pensado que o Eugene era louco, ou talvez ele tenha dito que somos loucos, mas é tudo verdade. Se não fosse, por que a Raakel, a menina do outro quarto, estaria aqui? Enviamos convites, e ela entendeu o que estávamos fazendo e veio para cá. Por causa desse maldito Endgame. Eu o odeio tanto... não, eu o odeio mais do que você. Porque sei o que é. Os Jogadores lutando pelo fim do mundo. Eles estão lutando por sobrevivência, e nós precisamos detê-los antes que eles comecem a ir uns atrás dos outros.

Encontrei um moletom cinza e o tirei da bolsa.

— Se não fizermos isto, a população mundial pode ser dizimada. Bem, talvez um doze avos vá se salvar. Mas bilhões vão morrer. Bilhões. Dá para compreender isso? Não sabemos como vai ser... Doenças, bombas atômicas, talvez sejamos simplesmente caçados como animais... Mas vai acontecer. Foi o contrato assinado milhares de anos atrás. Ao matar a Raakel, eu impedi a linhagem minoica de Jogar. Agora precisamos deter o restante dos Jogadores se quisermos evitar que o Endgame ocorra.

Vesti o moletom e conferi o revólver Colt Lawman do agente. Abri o tambor para ver se estava carregado. Estava, e eu o travei e coloquei no cinto.

— Quando tudo isto tiver acabado, pode ir atrás de mim. Sei que fiz muitas coisas ilegais nos últimos quatro meses. Mas você terá que esperar, porque há um trabalho a ser feito. Quem sabe... talvez eu morra e você não precise procurar por mim.

Lancei a ele um último olhar, peguei os papéis na mesa e saí do quarto. Pendurei na porta a plaquinha de NÃO PERTURBE.

O corredor estava vazio, e procurei pela escada mais próxima. Queria encontrar uma saída e ficar o mais longe possível do quarto de Raakel. Pelo que captei do telefonema, o agente ainda não informara os alemães sobre Raakel. Ele ligou só para outros americanos.

Isso podia significar que havia reforços a caminho. Ou talvez não houvesse ninguém para mandar. Talvez fosse um blefe e o agente estivesse sozinho. Olhei para o relógio. Eu havia ficado mais de duas horas naquele maldito hotel. Precisava sair e encontrar Kat ou John. Ou Mary.

Corri escada abaixo, o mais rápido possível.

Eu estava muito confiante. Não apenas havia matado uma Jogadora como havia escapado de um agente. De qual agência, eu não sabia, mas ele era algum tipo de policial. Do Departamento de Estado, quem sabe. Do consulado, talvez.

No final da escada havia duas portas, uma que dava para o saguão principal do hotel, e outra, para os fundos. Saí com cuidado pela porta lateral. O dia estava mais claro. O sol havia nascido. Ainda havia pessoas nas ruas e no parque, mas nenhum sinal de Kat, John ou qualquer outro. Eu precisava voltar ao esconderijo se pretendia encontrá-los. Era provável que o esconderijo estivesse vazio, e eu teria que usar o walkie-talkie. Não havíamos feito planos de contingência para o caso de nos separarmos.

Tracei uma linha reta até a plataforma de trem mais próxima e comecei a correr. Naquele momento, eles estariam com os próximos alvos — em outros quartos de hotel, em algum lugar. Ou será que todos os Jogadores já haviam ido para a praça? Foi onde havíamos falado em encontrá-los por fim — tínhamos conversado sobre colocar atiradores nos telhados dos prédios ao redor da espiral do sol. Mas será que conseguiríamos fazer isso? Eu via policiais por

todo o lado, em viaturas com luzes piscando ou nas esquinas tentando controlar as multidões.

Havia clínicas por toda a parte — ou farmácias, talvez. Eram pequenas, com cruces brilhantes de neon. Eu me perguntei se Kat poderia estar em alguma delas, recebendo pontos melhores do que os da minha tentativa irregular e torta. Ela acabaria precisando de uma cirurgia. Foi o que me disse. A espada de Raakel havia rompido pelo menos alguns tendões — Kat só conseguia mover os dedos um pouquinho, e com muita dor.

A estação de trem estava lotada, com turistas olímpicos a perder de vista. Todos falavam línguas diferentes, e eu entendia apenas um pouco. A palavra *terrorismo* parecia ser a mesma em todas as línguas, e ouvi muitas variações de *Israel*.

Esperei no ar quente da manhã por vários minutos até que as luzes de um trem surgiram nos trilhos.

— Você ficou sabendo? — disse uma mulher atrás de mim. — No Hotel Vier Jahreszeiten. Encontraram duas pessoas mortas. Havia outros lá também. Dizem que eram uma menina japonesa e um americano.

— O quê? — respondeu outra mulher. — É na mesma rua em que estamos.

— Pois é. Falei com um policial, e ele disse que houve um tiroteio terrível. Uma jovem escapou e está foragida.

Mary, talvez? John dissera que Tyson havia caído. E a menina japonesa — seria a mu? O que poderia ter acontecido nas últimas duas horas?

— Faz parte dos ataques aos israelenses?

— Ele não sabia — contou ela. — Ou talvez não quisesse me dizer. Não houve uma declaração oficial sobre nada, ainda.

— Se não contiverem os terroristas, devem emitir um alerta ao público.

— Eu me pergunto se não é algo diferente — disse a primeira mulher. — A situação com os reféns não parece ter nada a ver com os japoneses ou os americanos.

Conforme o trem se aproximava, as duas passaram a discutir sobre um possível cancelamento dos eventos e se isso prejudicaria a

agenda dos jogos.

Tivemos que nos apertar no trem lotado, e fiquei no meio, agarrando uma alça para manter o equilíbrio. Fiquei atento para ouvir mais novidades, mas ninguém tinha nada consistente a dizer. Algumas pessoas reclamavam por ter sido acordadas por sirenes, e alguém disse que havia boatos de um homem correndo pela praça carregando um rifle. Mas as fontes oficiais ainda estavam em silêncio e não sabiam a extensão do que estava acontecendo. A maioria das pessoas saiu do trem antes de mim, e, quando finalmente chegamos a minha estação, havia sobrado apenas um punhado de gente.

— *Geht es dir gut?* — perguntou-me uma senhora, dando um tapinha na minha mão.

Olhei para baixo. Havia sangue seco na parte de trás da minha mão e dos meus dedos. O sangue de Kat, de quando dei os pontos nela.

— Estou bem — falei, sorrindo.

Ela me lançou um olhar desconfiado, mas virou a cabeça, e desci do trem.

*

Subi a escada que levava à porta do esconderijo. Não havia batida secreta ou senha. Apenas entrei e vi Mary sentada do outro lado da sala, apontando uma pistola para mim.

— Ah, meu Deus — disse ela. — O que está fazendo aqui?

Ela se levantou em um salto e me deu um longo abraço. Eu retribuí, mas as coisas não eram mais como costumavam ser. Eu havia mudado. Talvez tenha sido enviar os convites com Kat. Talvez tenha sido a viagem de trem a Bagdá. Mas, em algum ponto do caminho, eu havia mudado e queria ver Kat na minha frente, não Mary.

— Fui pego no hotel. Alguém do governo... do governo americano. Não sei quem era, mas precisei ficar lá por duas horas enquanto ele me interrogava.

Eu a soltei e me joguei em uma cadeira.

— O que você disse a ele? — perguntou ela, se sentando na minha frente.

— Não havia nada que ele já não soubesse. O Eugene nos entregou. Ele falou tudo. Esse cara sabia sobre o Endgame e os Jogadores, sabia do plano de nos encontrarmos na praça.

— Como ele encontrou você?

— Ele encontrou a minoica... não sei como. Talvez o Eugene ainda tivesse o dossiê sobre ela. Ele deveria ir comigo e com a Kat.

Meu olhar vagou pela sala e, frustrado, eu me levantei e fui até a pia da cozinha para lavar o sangue de Kat da minha mão.

— Bem, tudo foi pelos ares por aqui — disse ela, com a voz exausta, e sua aparência não estava muito melhor. — O John deveria ter encontrado você...

— Ele encontrou.

— Então, você sabe do Tyson?

— Sei. Alguém no trem ouviu falar de você e do Tyson. Você está sendo procurada.

Ela parecia abalada, bem diferente de seu jeito calmo e feliz de sempre.

— O Lee também morreu. Acabou de acontecer... bem, acho que uma hora atrás. O Tyson morreu no hospital depois de levar um tiro quando fomos atrás do koori, e depois o Lee foi comigo e morreu lutando contra a mu.

— Você matou dois Jogadores? — perguntei. — Nossa.

— É — respondeu ela. — A mu estava hospedada em um albergue perto de uma daquelas pequenas delegacias de bairro. O Lee e eu a matamos, mas ela o acertou bem na cabeça. Ele não teve qualquer chance. Em um piscar de olhos, a mu o pegou. Eu a matei, mas depois precisei fugir da polícia. Ganhei isto aqui.

Ela levantou a blusa para me mostrar a barriga. Havia um curativo branco com uma mancha vermelha no meio.

— Você levou um tiro?

— De raspão. E a matei. E depois matei o policial. Ele nem percebeu. Achou que eu fosse apenas uma das hóspedes do albergue.

— Você acabou de matar um policial? — perguntei, sentindo o estômago revirar e revendo as imagens do xerife na minha cabeça.

— Claro — respondeu ela. — Eu estava lutando pela minha vida. Ela matou o Lee.

— Mas o policial achava que você era só uma das hóspedes do albergue. Inocente.

— Mas ele viu meu rosto — explicou ela. — O que eu deveria fazer? O Bruce e eu aprendemos no México que não se deixam testemunhas.

— Mas você disse que ele não era uma testemunha.

Ela se levantou e veio até mim.

— Mike, para que tudo isso? Você sabia que entraríamos em guerra com esse pessoal. Você não pode ter imaginado que resolveríamos as coisas na conversa.

— Será que não? — berrei. — Vocês sempre enfatizavam que não se tratava de *matar* Jogadores, mas de *detê-los*. O John me fez escrever os discursos de venda. Vocês pelo menos tentaram com a mu? E com o koori? Ou vocês só entraram atirando primeiro e fazendo perguntas depois?

— Qual é, Mike? — disse ela. — Cresça. Praticávamos tiro ao alvo todos os dias. Treinamos arrombamentos de portas e entradas hostis. Corríamos nas montanhas. Fazíamos percursos com obstáculos. Você achou mesmo que tudo aquilo era para estarmos em melhor forma para *conversar*?

— Achei — respondi. — Achei que iríamos conversar, porque foi o que nos propomos a fazer. Era o que o John dizia e o que o Walter dizia e o que você dizia. E que saber? Foi o que a Kat e eu fizemos com a minoica.

— E como foi?

— No fim das contas, tivemos que matá-la — contei, fechando a torneira e secando as mãos. — Mas demos a ela uma chance justa. Ela sabia por que estávamos lá e tinha uma escolha. Nós não armamos uma emboscada e pronto.

— E agora a Kat está no pronto-socorro — disse Mary. — E ainda temos sete Jogadores para matar. Ainda não tivemos notícias da Barbara e do Douglas. Eles iam atrás da olmeca. Nem da Molly, do

Henry e da Phyllis, que estavam atrás do harappaneano. Estamos sendo assassinados lá fora, então talvez seja melhor você começar a agir como se isto fosse a guerra que é.

— Você mentiu para mim.

— Menti? Mike, você é tão...

— O quê? Tão o quê?

— Ingênuo. Eu achava que você havia entrado para a Linhagem Zero por minha causa, mas estava errada. Você entrou porque é um escoteiro. Você achava mesmo que iríamos acabar com tudo isso por meios pacíficos e que você poderia voltar para casa como se nada tivesse acontecido.

— Não é o que eu achava. Eu matei aquele xerife. Assaltei o banco.

— E daí? Achou que iria se aposentar em alguma fazenda distante e viver a vida tranquila e pacífica de um herói? Você deve até ter me imaginado ao seu lado.

— Mary, você é passado — falei entre os dentes. — A Kat e eu estamos juntos agora. Não preciso... não *quero* você.

— Ah — disse ela, então dizer desistiu de falar mais.

— Pois é.

— O que eu fiz para você? — perguntou ela, com a voz mais baixa.

— Você me deixou. Quando eu achava que mais precisava de você. E... — Olhei pela janela, depois voltei até a cadeira ao lado da porta. — Então me dei conta de que não precisava mesmo de você. Você fez seu trabalho. Você me trouxe para esta bagunça. Você me fez acreditar, e tinha razão... o Endgame é real. Mas temos ideias muito diferentes sobre o que fazer a respeito dele.

— Os Jogadores estão nos matando — disse ela, ainda de pé no mesmo lugar, sem se virar para mim. — Eu gostaria muito que pudéssemos resolver as coisas conversando.

— Não era o que você esperava? — perguntei. — Você achou que entrar feito caubóis, atirando em todo mundo que víssemos, ia funcionar. Pelo menos a Kat e eu tínhamos expectativas realistas. Sabíamos que enfrentaríamos matadores. Assassinos. Sabíamos que

estávamos em desvantagem. Você depositou fé demais em uma dupla de ex-Boinas Verdes.

— O Bruce era veterano de guerra. Não me disse quantos matou, mas me disse que se lembrava de todos os rostos.

— Eu sempre vejo o xerife.

— A mu não parecia uma matadora. Parecia uma menina. — Mary se virou de frente para mim. — Pensamos que seria fácil. Eu tinha uma boa mira e não aproveitei. Não quis atirar tão perto das outras pessoas do albergue. Achei que estava sendo bondosa.

— Em que hospital a Kat está?

— Não sei o nome. O Walter o encontrou no mapa. Disse que ficava a uma milha ao norte. O John a levou para lá de táxi.

— Ele ainda está com ela?

— Não — respondeu ela, e atravessou a sala para pegar o walkie-talkie. — Eles estão tentando matar os outros. O Walter e o John. Fui encarregada de esperar aqui e alertá-los se alguém voltasse.

— Aonde eles foram?

— O John está atrás da olmeca e vendo se descobre o que aconteceu com a Barbara e o Douglas. O Walter está indo atrás do shang. Eu devo avisar ao próximo grupo que voltar para ir atrás do nabateio.

— Avise a eles que vou atrás da Kat. Ligo para você quando tiver notícias.

Peguei a mochila de alguém, despejei o conteúdo no chão e depois guardei nela um dos walkie-talkies sobressalentes.

— Está bem.

Capítulo Cinco

— Mike! — chamou Kat, sentando-se na cama do hospital. — Eu achei... Nós achamos que você tivesse sido pego.

— Eu fui — confirmei. — O Eugene nos entregou. Havia um cara esperando por mim. Ele sabia de tudo.

— Se ele sabia de tudo, por que deixou você ir embora?

— Não deixou. Eu fugi. — Sentei no banquinho ao lado da cama.

— Como você está?

O braço dela estava em uma tala, envolto por uma atadura.

— Disseram que vou precisar de cirurgia. Ainda não consigo mexer os dedos muito bem. Estava com medo de os tendões terem sido rompidos, mas não foram. Bem, não todos. E, de toda forma, não devo tentar movê-los. Por isso estou com a tala.

— Onde estão os outros? A Mary me contou que o John esteve aqui com você.

— Ele me trouxe aqui, mas precisamos ir atrás de todos os Jogadores. Talvez já tenhamos deixado alguns escaparem. Que horas são?

Olhei para o relógio.

— Quase dez.

Ela sacudiu a cabeça.

— Ainda temos muitos Jogadores para deter. Não podemos ficar aqui sentados.

— Você precisa ficar boa.

— Não tenho mais nada a fazer aqui — retrucou ela. — Já levei pontos e estou esperando receber alta.

— O que eles disseram sobre meus pontos? — perguntei, dando uma risadinha. — Tenho chance de tentar uma segunda carreira como enfermeiro?

Ela revirou os olhos.

— Não gostaram nada. Não sabiam o que pensar. Perguntaram por que eu pedi para você dar aqueles pontos em vez de vir ao hospital.

— Eles ficaram desconfiados?

— Não — respondeu ela, dando de ombros de leve. — Acho que só pensaram que eu era uma americana burra. Fingi que não falava nada de alemão ou sequer entendia muito do inglês deles, por culpa do sotaque. E você conhece o John... sabe mentir sobre qualquer coisa. Ele inventou uma história sobre sermos estrangeiros e não entendermos o sistema de saúde alemão. Ele assumiu a responsabilidade, e os médicos acreditaram em tudo.

— O que vocês disseram sobre a causa do ferimento?

— Acidente de cozinha. Ele estava com uma faca na mão, então se virou rápido e não sabia que eu estava ali. Mais uma vez, eles só acharam que éramos idiotas.

— E você pode sair daqui?

— Eu quero, mas preciso dos analgésicos que vão me trazer quando eu receber alta. Aí poderemos voltar para a ação. Segundo o John, as coisas não estão indo muito bem.

— Não estão, não — concordei. — Estamos sendo destruídos um a um. Mas ainda somos cinco, talvez seis... o John e o Walter saíram de novo. Ainda estamos esperando pelos outros, mas não estou com muita esperança. O Douglas e a Barbara saíram juntos e não receberam tanto treinamento quanto o resto de nós. O John foi atrás deles. Eles eram os administradores e falsificadores. Não acho que estivessem tão preparados. A Molly e a equipe dela também não voltaram ainda.

— Droga — disse ela. — A Barbara e eu éramos próximas. Ela não vai conseguir. Estou sentindo.

— Não pense nisso. Estou com um walkie-talkie na mochila. Não quero pegá-lo agora, mas, quando formos liberados, devemos nos apresentar para receber nossa próxima missão. Minha próxima missão, quer dizer. Você vai voltar para o esconderijo.

— De jeito nenhum — retrucou ela. — Nós começamos esta loucura. Vamos acabar com isso. Não quero deixar todos os nossos esforços serem desperdiçados.

— Você não consegue nem segurar uma arma.

— Vou com você — insistiu. — Vamos pensar no que fazer e traçar um plano. Eu farei o que precisar.

Olhei para o braço e a pele pálida de Kat. Não estavam com uma aparência boa.

— Ei — disse ela, apontando para a TV. — Aumente o som.

Havia um âncora sentado atrás de uma bancada, e as palavras MÜNCHEN GEISELKRISE apareciam na tela ao lado dele.

Aumentei o som, mas o noticiário estava em alemão e eu não entendi nada.

Kat estava assistindo com atenção e começou a traduzir para mim.

— Estão falando que entre três e doze atletas israelenses estão sendo mantidos reféns. Os terroristas são membros do grupo Setembro Negro, palestinos da Jordânia. O corpo de Moshe Weinberg foi encontrado nu em um corredor. Foi morto a tiros. Era treinador. Outra pessoa... *ringer*? Não conheço essa palavra. Ele também foi morto. O Setembro Negro exigiu a libertação de duzentos e poucos prisioneiros palestinos. Foi dado um prazo de nove horas, que já passou, e o sequestro continua.

— E nossos ataques aos Jogadores? — perguntei. — Falaram alguma coisa?

— Ainda não — respondeu ela.

— Não vai demorar.

Enquanto esperávamos, contei tudo o que havia acontecido comigo naquela manhã. Falei o que sabia sobre o agente que havia me detido e sobre meu encontro com Mary no esconderijo. Kat me contou que ela e John haviam decidido deixar o hotel e ir para o esconderijo. Depois de desenrolar a gaze do braço dela para lavar a ferida, ele viu como estava feio e a convenceu a ir para o hospital.

— Eu queria esperar por você — disse ela. — Eu não ia embora, mas comecei a ficar muito tonta, e o John disse que achava que eu estava perdendo sangue demais. Não sei se era isso. Podia ser choque.

— Tudo bem — falei. — Foi bom você ter vindo para cá. É bom estar recebendo ajuda.

Alguns minutos depois, o médico voltou. Os dois conversaram por um tempo em inglês, e ela sentou e sorriu. Não parecia tão doente como quando cheguei ali. Ele lhe deu um frasco de comprimidos e disse que estávamos liberados.

Do lado de fora, paramos em um banco, eu peguei o walkie-talkie e chamei. Mary respondeu quase no mesmo instante.

— A Kat saiu do hospital — informei. — Como estamos?

— O John não conseguiu encontrar a olmeca — contou ela. — Nenhuma palavra do Walter. O Bakr sumiu. Ele ainda não tinha equipe, mas estou com a sensação de que foi embora. A Molly voltou. — Houve uma pausa.— O Henry e a Phyllis estão mortos e não conseguiram matar o Jogador deles.

— Eles estavam atrás de quem? — perguntei.

— Do harappaneano — respondeu ela. — Ele ainda está por aí.

Kat pegou o rádio da minha mão.

— Mary, é a Kat. Alguma notícia da Barbara?

Houve um momento de forte estática, depois Mary falou:

— A Barbara e o Douglas não fizeram contato. O John está procurando por eles enquanto vai atrás da olmeca, mas ainda não os encontrou.

— Nós vamos para a praça — prontificou-se Kat. — Ver se os encontramos.

— O John me disse para mandar o próximo grupo atrás do nabateio.

— Você não acha que os Jogadores vão para a praça? — perguntou Kat. — É o lugar marcado no convite. É um pouco tarde para ainda estarem esperando nos quartos de hotel.

— Vocês podem tentar isso — disse Mary. — Mas saibam que deve haver muitos policiais por lá.

Ouviu-se mais estática, depois veio a voz de John.

— Perto da praça tem um café chamado Siegfried's. Venham para cá, Mike, Kat.

— Entendido — concordou Kat.

Ela me devolveu o walkie-talkie, eu abaixei a antena e o desliguei.

— Se ficarmos na praça esperando os Jogadores, a coisa vai ficar violenta e perigosa. Nem sei onde estão os rifles de longo alcance.

Provavelmente no esconderijo.

— Eu deixei minha arma lá — avisou Kat.

— Aqui.

Olhei ao redor para ver se havia alguém nos observando. Não havia. Peguei a M1911, recarreguei e entreguei a arma a Kat. Eu ainda estava com o revólver Colt do agente.

— Nunca atirei com a mão esquerda — disse ela.

— Eu também não — respondi. — Mas é só por garantia. Não planeje precisar atirar.

Ela colocou a arma no bolso grande da jaqueta que estava usando. Não foi uma escolha muito boa, já que o peso deixava evidente que Kat carregava alguma coisa ali. Mas pelo menos a arma estava escondida.

Kat parou alguém na rua e perguntou qual era o caminho mais rápido até a praça. Seguimos as orientações até uma parada de ônibus e esperamos por cerca de quinze minutos. Ao meio-dia, descemos no centro olímpico. Estava absurdamente silencioso, e um cartaz preso em um quiosque de informações dizia que devido aos incidentes em andamento os jogos foram adiados. Ainda havia uns vinte e poucos turistas caminhando por lá, e alguns estavam sentados no sol de concreto.

— Quem é aquele? — perguntei a Kat, segurando sua mão boa. — O garoto de boné vermelho.

— Pode ser o harappaneano — respondeu ela.

Ele estava sentado lá. Não se mexia nem lia nada. Apenas observava. Nossos olhos se cruzaram por um instante, e tudo o que pude fazer foi não desviar o olhar. Mantive os olhos nele por alguns segundos, tentando não parecer suspeito.

— O que sabemos sobre ele? — perguntei.

— Foi o alvo da Molly, do Henry e da Phyllis. Eu não li o dossiê. Ele matou o Henry e a Phyllis.

Havia outra possível Jogadora sentada em uma faixa de grama embaixo de um pinheiro. Imaginei que fosse nabateia. Ela não parecia prestar atenção a nós ou ao harappaneano. Estava lendo um livro em postura calma e casual.

— Quem sobrou? — perguntei.

— Bem — respondeu Kat, pensando. — O harappaneano. A donghu. O nabateio. O sumério. O John deveria pegar a olmeca, e o Walter ia atrás do shang. A Agatha não encontrou o axumita ontem. O Rodney, o Jim e a Julia devem estar mortos, já que não voltaram. Quem estou esquecendo?

— Nós pegamos a minoica e sabemos que a mu, o cahokiano, o koori e o la Tène estão mortos. É só.

— E nosso grupo está pela metade. Não sabemos onde está a maioria do pessoal.

A porta de um café que estava fechado se abriu, e vimos John. Ele acenou para nós, que nos viramos e fomos em sua direção, deixando os possíveis Jogadores na praça.

— Olá — disse ele, quando nos aproximamos.

Parecia péssimo. Exausto, suado e coberto com gotículas de sangue.

— O que está acontecendo?

— Tentamos falar com vocês pelo rádio. Estamos com o axumita. Franzi a testa.

— Achei que o axumita não tivesse vindo — comentei.

— Era o que a gente achava — respondeu John, fechando a porta assim que entramos.

Estava sem fôlego.

— Mas ele apareceu — continuou. — Procurando por nós também. Ele sabe tudo sobre a Linhagem Zero. Deve ter matado o Rodney, o Jim e a Julia e depois veio atrás do resto de nós.

— Você o matou? — perguntou Kat.

— Ainda não. Queremos saber o que ele sabe.

— Você está fazendo um interrogatório — afirmei.

John nos levou até a cozinha do café. O axumita estava lá, com a testa sangrando. Era um garoto novo — mais que Raakel. Imaginei que tivesse em torno de 15 anos. As mãos e os pés estavam amarrados, mas ele era forte e parecia durão. E sorria quando entramos.

Walter estava com as mangas enroladas, exibindo as tatuagens dos Boinas Verdes nos braços.

— Vou perguntar mais uma vez — disse Walter, com a mais perfeita calma. — O que aconteceu com as três pessoas que foram atrás de você na Etiópia?

O garoto sorriu.

— Vocês são todos uns tolos. Interferindo no Endgame. Vão perecer sob o fogo dos deuses.

Walter se virou para o balcão e pegou um batedor de bife. Kat agarrou minha mão.

Ele usou o martelo para acertar um pedaço de vidro, que se estilhaçou.

— O que você quer que eu diga? — indagou o axumita. — Que seus amigos estão vivos, à sua espera em algum lugar? Você os mandou até mim para matar pessoas da minha linhagem e me trazer para este Chamado falso. Meu povo não é do tipo que fica parado.

John interferiu:

— Então, você os matou?

— Temos olhos por todos os lados.

Walter agarrou o rosto sorridente do garoto e um pedaço de vidro um pouco menor que uma carta de baralho. Ele enfiou o vidro na boca do Jogador, cortando os cantos dos lábios. O menino começou a engasgar, e John deu um murro em seu queixo. Walter o soltou, e o axumita cuspiu cacos de vidro e sangue, fazendo esforço para respirar e gemendo com as dezenas de cacos na língua e na garganta. Ele tossiu muito e começou a vomitar.

— Vocês... — sussurrou ele, arfando. — Vocês vão queimar.

Escorria sangue de sua boca.

— Você não vai estar por aqui para ver isso, garoto — retrucou Walter, dando um soco nele.

— John — disse Kat. — John, não precisamos fazer isso.

O garoto cuspiu de novo, e vi as minúsculas lascas de vidro no sangue escarrado.

— Ele não tem nenhuma informação — falei.

— Fique fora disso, Mike — disparou John.

— Você não pode torturar um garoto — argumentei.

John deu um salto e me agarrou pela camisa.

— Ele não é um garoto. Quando você vai entender? Essas pessoas não merecem nossa piedade. Merecem dor e morte. E, depois que ele tiver sentido bastante dor, vou lhe dar a morte.

— Não foi para isso que me envolvi — declarei.

— Nem eu — disse Kat.

— Vocês queriam interromper o Endgame, não queriam? Não foi para isso que se envolveram? Pois é isso que estamos fazendo.

— Vocês estão torturando esse garoto — observou Kat.

— E o Rodney, o Jim e a Julia? — disse John. — Eles eram meus amigos.

O axumita cuspiu de novo, formando o máximo de um sorriso que seu rosto dilacerado permitia.

— Eles foram enven-n-nenados antes de... antes de descer do avião.

Walter pegou outro pedaço de vidro, mas não lhe dei chance. Puxei a Colt Lawman da cintura e dei dois tiros no peito do menino.

John tirou a arma do caminho e me empurrou para trás. Escorreguei no piso de cerâmica e caí de cóccix, sentindo a dor percorrer toda a coluna.

— Está tentando fazer os outros Jogadores fugirem? — gritou John. — O harappaneano está sentado lá fora há uma hora. Os outros estão vindo!

Kat respondeu por mim:

— Então vocês não deveriam focar neles em vez de torturarem este? Era para determos esses caras, não matarmos. Apenas detê-los. E vocês estão torturando esse garoto por informações que já tinham? Vocês tinham alguma dúvida de que o Jim, a Julia e o Rodney já estavam mortos?

John deu um passo na direção dela, e eu levantei a arma de novo.

— Não a ameace.

— Continue assim, Mike — retrucou John. — Continue pensando com o pau. Primeiro a Mary e agora a Kat. É a única coisa que motiva você?

— Pode parar — falei.

Nós nos encaramos por um longo e silencioso minuto. John podia fazer as suposições que quisesse, mas eu estava ali para salvar o

mundo. Claro, havia entrado na Linhagem Zero por causa de Mary, mas Kat e eu havíamos encontrado algo especial. Eu estava decidido: não importava o que acontecesse em Munique, Kat e eu iríamos sobreviver. Deteríamos os Jogadores e sobreviveríamos.

Naquele momento, uma sineta tocou. A porta do café havia sido aberta.

Desviei a arma de John e a apontei para a porta da cozinha.

Era Mary.

Capítulo Seis

— Harappaneano, nabateio, donghu, sumério, shang, olmeca. Matamos metade deles — constatei. — O resto está lá fora, esperando pelo que quer que aconteça em um Chamado.

Ainda estávamos no café, o ambiente pesado de raiva e do cheiro de sangue e pólvora queimada. Através das vidraças víamos os seis Jogadores restantes. Alguns olhavam em nossa direção. Deviam ter escutado os disparos.

Mas, em vez de virem até nós, todos foram na direção do sol, formando um círculo ao redor dele. Fui até a janela e a abri, na esperança de ouvir o que estava acontecendo.

— Então é isso? — perguntou o sumério.

Era um garoto baixo, de 16 anos, talvez. Usava uma túnica vermelha e calças que lembravam as roupas que eu via pessoas usarem em aulas de artes marciais. Na verdade, quase todo mundo parecia estar em trajes de luta, como se estivéssemos nas competições olímpicas de judô. A maioria parecia ter alguma espécie de arma — escondida, para não chamar atenção, mas eu sabia procurar.

Havia quatro meninos: o sumério, o harappaneano, o shang e o nabateio. A olmeca e a donghu eram meninas. A donghu estava pulando de um pé para o outro, como se estivesse se preparando para uma luta de boxe. A olmeca era linda, uma menina alta e bronzeada com longos cabelos pretos e cacheados. Parecia ter mais ou menos minha idade — uns 19.

Tinha uma expressão confusa e irritada no rosto.

— Quem é aquela? — perguntou, falando com os outros cinco Jogadores, mas apontando para o café.

Ela quase não tinha sotaque.

— A menina que acabou de entrar no restaurante. Quem é ela?

— Do que você está falando? — perguntou o nabateio. Ele falou em voz baixa com um inglês perfeito, mas com sotaque britânico. E estava imóvel como uma árvore, de braços cruzados. — O assunto é entre nós.

— Vocês notaram que há apenas seis de nós aqui? — disse a olmeca. — Aquela garota que acabou de entrar no café estava no México. Estava lá logo depois do sinal do Huitzilopochtli. A explosão.

— Alguém já começou a jogar — declarou o harappaneano, em tom calmo. — E não acho que seja Jogador contra Jogador. Acho que alguém, um de vocês, trouxe assassinos da sua linhagem. Eles estão nos observando neste momento. Talvez nos tenham na mira. Isto não está nas regras. Os Criadores estão nos observando e sabem quem é Jogador e quem não é. Eles não tolerarão trapaça.

— Eu não fiz isso — retrucou o shang. — Não preciso de ajuda para derrotar vocês.

— Talvez devesse ver quem no café — sugeriu a donghu, em um inglês claudicante.

— Talvez você devesse ir — replicou o harappaneano.

A garota olmeca tirou uma lâmina de obsidiana do cinto.

— Um de vocês está mentindo. Mas isso não vai ajudar a vencer. Vamos começar.

— Esperamos por outro sinal? — perguntou o shang. — Ou o jogo já começou?

O harappaneano falou:

— Alguém acha que o jogo já começou. Não sei o que os Criadores decidirão sobre esta infração, mas sei que vocês não precisarão esperar por muito tempo.

O shang, que mal chegava a cinco pés de altura, tirou um sabre do cinto, olhando para a olmeca à esquerda e o nabateio à direita.

— Suas vidas terminarão pela minha lâmina.

O harappaneano estava diretamente em frente a ele no círculo. O nabateio levantou o cajado que segurava e removeu uma capa de couro que escondia uma ponta de lança. Em resposta, o harappaneano desembainhou sua espada — curta, com uma curva acentuada.

A donghu riu.

— O que é isto? A Idade Média? — Ela enfiou a mão na roupa e sacou uma pistola. — Perdão. Eu me preparei.

Mirou no shang.

Nas janelas do café, ao meu lado, John e Walter tinham rifles apontados para fora, esperando pelo começo da ação.

O sumério era o único que não havia sacado uma arma, mas ainda estava sorrindo.

— Espere que matem uns aos outros — disse Mary. — Não precisaremos atirar se eles acertarem a situação por conta própria.

— Nossa mira está ótima — argumentou John. — Não há muitos turistas por aqui.

Ouvi um apito, e então um policial de Munique veio correndo, sacando a pistola.

— *Halt! Nicht bewegen!*

Antes que eu pudesse olhar a pessoa que chegava, o sumério agitou uma das mãos, e uma faca foi enterrada no peito do policial.

Perto de mim, ouvi vidro quebrando e, por uma fração de segundo, pensei que John e Walter estivessem atirando, mas foi o contrário: Walter caiu para trás, com uma bala na testa.

— Não! — gritou Mary, e eu agarrei Kat e a puxei para baixo, para fora de alcance.

John disparou sua arma — um AK-47 automático. Ele havia se abaixado e disparava rajadas longas, quase sem olhar pela janela.

— Quem atirou no Walter? — gritou Mary, de joelhos ao lado dele.

John se abaixou e trocou o pente de munição.

— Merda. Acho que foi um franco-atirador. Ou aquela donghu com a Sig Sauer. — Ele estava assustado. Eu nunca vira aquela expressão no rosto de John. Era ele quem deveria manter todos nós calmos. — Mas não poderia ter sido a donghu. Ou então foi apenas um tiro de muita sorte.

— Por que haveria um atirador? — perguntou Kat.

John sacudiu a cabeça.

— É como eles disseram. Talvez uma das linhagens tenha trazido alguém.

— Isso não seria trapaça?

— Eu... eu não sei. O Walter saberia.

— Nós vamos perdê-los — falei.

Como ninguém respondeu, espiei pela janela.

— Não! — disse Kat, agarrando meu braço, mas fiquei onde estava.

— Não estou vendo ninguém nos telhados. Nenhum atirador. Estamos seguros.

A donghu com a pistola estava morta, largada no chão, com o harappaneano de pé em cima dela, enfrentando o shang com a espada. A olmeca corria, sem a faca na mão — eu não sabia o que acontecera com a arma. A Jogadora saltou para pegar a pistola da donghu, que foi impelida para longe no último segundo pela parte de trás da lança do nabateio. Ela transformou o salto em um giro e ficou de pé em um instante, desviando-se da ponta da lança e investindo na direção da pistola de novo. O sumério estava sozinho, debruçado sobre o corpo do policial morto.

A olmeca tentou pegar a arma mais uma vez, mas o nabateio foi mais rápido e a atingiu no rosto com o cabo da lança. Ela caiu no chão, inconsciente. O nabateio olhou para os Jogadores que lutavam ao redor, localizou o sumério e atirou a lança.

Ele tinha uma boa mira, mas por sorte, ao que parece, o sumério se virou no último instante. A lâmina cortou sua roupa e foi parar várias jardas adiante.

— Precisamos ir até lá — disse John. — Precisamos matar todos eles.

Mary agarrou o rifle de Walter, um M14. Foi o rifle com que treinei o verão todo. Eu conhecia a arma do avesso, mas ela também. Peguei a pistola do lado de Walter — uma Beretta. Entreguei a Kat e peguei de volta minha M1911. Mantive a Colt Lawman comigo também, enfiada na parte de trás da calça. Tinha só mais quatro balas.

John abriu a porta, correu para a praça, ficou em um dos joelhos e... não disparou. Estava procurando pelo atirador, se é que havia um. Mary saiu correndo e se agachou atrás de uma floreira de cimento cheia de flores amarelas e vermelhas. Também procurou pelo atirador.

O sumério estava de pé ao lado do policial, segurando a pistola. Mirei no Jogador com minha arma, mas ele estava a pelo menos cinquenta jardas de distância, muito mais longe do que eu jamais havia treinado.

Disparei duas vezes, de pé, com ambas as mãos na empunhadura. Mas errei. Ele se agachou mais uma vez e atirou contra mim. Mergulhei ao lado de Mary, tentando recuperar o fôlego. Eles tinham muito menos armas do que nós, mas se movimentavam com a habilidade e a elegância dos Jogadores, sem desperdiçar um movimento sequer, sem jamais perder o foco.

Ouvi o ratatata da arma de John. Ele estava fazendo disparos curtos, mas mirava uma janela vazia.

— Atire nos Jogadores! — gritei para ele.

— Deve haver um franco-atirador. Aquela é a única janela aberta.

— A intenção de um franco-atirador é não ser visto — falei. — E precisamos matar os Jogadores.

— Deixe comigo — disse Mary, respirando fundo e espiando por cima da floreira para atirar através das plantas.

Pétalas explodiam no ar enquanto ela disparava o rifle semiautomático. Ousei olhar para ver o que ela estava atingindo.

Nada. Ela não via coisa alguma através das flores. Estava disparando às cegas.

— Mary! — berrei. — Me dê a arma.

— Não — respondeu ela, voltando a se abaixar.

— Você não está acertando nada. Não está enxergando.

— É fogo de supressão — disse ela, enquanto, com as mãos trêmulas, pegava um novo pente de balas; o último que tínhamos conosco, a menos que houvesse mais munição com o corpo de Walter. — Eu estou bem. Você atira.

Mantendo uma mesa virada para se proteger, Kat atirava na direção do sumério, mas, por causa do ferimento, precisava usar a mão esquerda, de modo que os tiros eram inúteis.

Mirei no harappaneano, que ainda lutava com o shang, as espadas dançando e batendo uma na outra, desviando e atacando. Apertei o gatilho, e a arma deu um solavanco. Eu não era bom naquela distância. Disparei de novo e atingi o shang na perna. Ele cambaleou

e no mesmo instante o harappaneano deu um golpe no pescoço dele e quase o decapitou. O shang caiu no chão, com sangue vertendo das artérias rompidas. O harappaneano estava perto da olmeca inconsciente. Correu até ela e a esfaqueou no peito.

O nabateio corria para o sumério ou para recuperar sua lança — não entendi direito. Nem tentei gastar balas nele enquanto o Jogador estava em movimento. Preferi focar no sumério. Tentei seguir todo o meu treinamento — mirar no alvo, puxar o gatilho em vez de apertar e expirar longa e lentamente —, mas quando acabei de expirar o sumério estava de pé, correndo. Atirei uma vez e errei.

— Atirador! — gritou John, recomeçando a disparar.

Olhei para todos os lados tentando ver em que John estava atirando.

— Onde? — perguntei.

Mas ele não me ouviu por causa do barulho dos tiros. Eu me virei para Mary.

— Mary.

Ela estava ao meu lado, ainda de joelhos, mas caída para trás. Havia levado um tiro no olho, e um jato de sangue saía do seu cabelo, espalhando-se pelos paralelepípedos.

— Mary — falei, com os olhos se enchendo de lágrimas.

Estendi a mão para tocá-la, mas recuei. Seu rosto estava distorcido e destruído. A bala não havia entrado exatamente pelo olho, mas atingido a maçã do rosto e aberto um buraco enorme, fraturando os ossos. Era demais, horrível demais de ver, horrível demais para lembrar. Mas eu sabia que me lembraria daquilo pelo resto da vida. A imagem queimava minha mente, marcando meus olhos como ferro quente.

— Eu o peguei — disse John, expirando devagar. — Peguei o cretino.

— Onde?

Ele apontou para o telhado.

— Atrás daquela chaminé.

— Tem certeza?

Kat respondeu:

— Eu o vi cair. Está ali, perto da olmeca.

— Para onde eles foram? — perguntei, em tom anestesiado, percebendo que os Jogadores haviam sumido.

Mary estava morta.

— O sumério correu, e o nabateio foi atrás. O harappaneano, numa calma filha da puta, deu uma facada a mais em todos os corpos. Para garantir que estavam mortos.

— Eu sinto muito — disse Kat, com os olhos marejados. — Tentei atirar nele. Tentei de verdade. Mas minha mão. Não tive como segurar a arma com firmeza. Sinto muito.

— Tudo bem — respondi.

— Não estamos mais em maior número do que eles — observou John, largando a arma. — Precisamos nos mexer, e rápido.

— Não precisamos segui-los? — perguntei.

— É claro — disse John, visivelmente abalado. — Quem tem balas?

— Tenho algumas — prontificou-se Kat, ficando de pé. — Não estava contando meus disparos.

— Tenho três ou quatro — respondi.

— Escondam suas armas — disse John. — Tenho uma Walther com um pente inteiro.

— Então vamos ter que pensar no que fazer. Mas primeiro precisamos segui-los. Com sorte, matarão uns aos outros.

Peguei na mão de Mary e a apertei uma última vez. Não me importava mais com o que ela havia feito comigo. Ela não merecia morrer, e não assim. E merecia mais de mim do que ser deixada no meio da rua para algum paramédico encontrá-la.

Mas, como em tantas coisas na minha vida ultimamente, eu não tinha escolha.

Nós corremos atrás dos Jogadores.

Capítulo Sete

Ajudei Kat a conferir o pente da arma dela e vi que ainda tinha quatro balas.

O curativo no braço dela sangrava e escorria até o pulso e a mão, mas não havia nada que pudéssemos fazer. Precisávamos seguir os Jogadores. E tínhamos que ficar longe da polícia.

Todos escondemos as pistolas.

— Eles vão se dividir? — perguntou Kat.

— Não — disse John, falando baixinho. — Estavam esperando pelo começo do jogo. Mas não receberam nenhuma orientação, nenhum enigma a ser resolvido, nenhuma reposta a procurar. Então, o único objetivo que têm é matar uns aos outros. E precisam resolver isso agora, hoje, porque não há mais nada a fazer.

— E não podemos deixá-los escapar porque jamais os encontraremos de novo — acrescentei.

— E eles ficarão juntos, porque não há outro lugar aonde ir.

Ouvimos um apito, e John parou de correr. Kat e eu também paramos. Segurei a mão dela. Momentos depois, dois policiais passaram correndo por nós em direção à praça.

— Ainda estamos nisso? — perguntei. — Quer dizer, será que temos alguma chance? Perdemos quase todo mundo. A Kat não consegue atirar por causa da mão. Estamos quase sem balas e vamos enfrentar esses caras? Vocês viram como eles lutam?

— É inacreditável — comentou Kat. — Quem consegue se movimentar daquele jeito?

— E se eles tiverem mais apoio, como aquele atirador?

John respirou fundo.

— Sabíamos que seria difícil.

— O quê? — perguntei, incrédulo. — Sabíamos que seria difícil. Não sabíamos que todos iríamos morrer.

— O Walter e eu tentamos preparar vocês — disse ele, mas as palavras pareceram ocas. — Estamos tentando salvar o mundo, lembra? Treinamos o verão inteiro. Você esperava que fosse ser fácil?

— Treinamos o verão inteiro como um grupo. Estávamos caçando como uma equipe, em tudo o que fazíamos.

— Ainda somos uma equipe.

Revirei os olhos.

— Quis dizer que estávamos praticando como se estivéssemos em maior número do que eles. Como se fosse haver mais de nós, como nesta manhã, quando Kat e eu fomos atrás de Raakel. Nós só a vencemos porque éramos dois.

— Pessoal — disse Kat. — Como sequer sabemos que ainda estamos na direção certa?

— Sangue — respondeu John, curto e grosso, apontando para o caminho. — O sumério está sangrando.

Eu não havia notado, mas, quando passei a procurar pelo sangue, o enxerguei na rua. Não era uma trilha constante, mas mais ou menos a cada dez passos havia uma gota. Conforme avançávamos, as gotas foram ficando maiores, como pequenas poças. E então se transformaram em impressões pequenas e padronizadas, como se o sangue estivesse na sola do sapato. Em breve ele teria que parar em algum lugar e estancar a ferida, mas... o rosto de Mary voltou a mim, de repente, preenchendo minha visão — a imagem do rosto destruído, que eu havia beijado tantas vezes. Uma garota que um dia pensei que fosse minha. Eu estava errado. Ela havia me feito de bobo, mas ainda assim eu a amei. E tudo o que passei a ver era aquele corpo sem vida, o buraco imenso na bochecha.

Olhei para Kat, que me olhou e me deu um sorriso cansado. Seguindo a trilha, saímos da Vila Olímpica e adentramos as ruas do centro de Munique.

— Olhem — disse Kat, apontando para uma rua lateral onde uma ambulância estava estacionada, cercada por paramédicos e um policial.

Lá estava o sumério, sentado, de costas para a fundação de pedra de um velho edifício do governo.

— Cacete! — exclamou John. — Merda.

— O quê? — perguntei.

— A trilha leva apenas até ele. Não sabemos onde estão os outros.

— Está vivo? — perguntou Kat.

Olhamos para ele, à espera de algum movimento. O sumério levantou a mão com dificuldade. Parecia estar pedindo ajuda, desesperado. John logo começou a caminhar na direção da equipe de emergência, e Kat e eu o seguimos.

— O que estamos fazendo, John? — perguntei. — Tem um policial lá.

— Precisamos matar todos os Jogadores — respondeu ele, com raiva na voz.

— Claro, mas não vai ser mais fácil ir atrás dele no hospital? Além disso, olhe para ele... não vai aguentar muito mais, de toda forma. Nós deveríamos ir atrás dos outros.

— Silêncio — disse ele, colocando o dedo nos lábios.

Olhei para Kat e soltei a mão dela, me preparando para o caso de precisar sacar a arma da cintura.

— O nabateio e o harappaneano não devem estar longe. Lembrem-se: eles também estão tentando matar o sumério.

Assenti com a cabeça. Os dois pareciam os mais calmos sob pressão. Não achava que um fosse fugir do outro. Eles se enfrentariam, espada contra lança, perto dali. Um beco, talvez, ou um estacionamento — algum lugar fora do caminho, fora de vista.

Eu não sabia o que John esperava fazer ali. A mão de Kat estava vermelha de sangue, e era provável que os paramédicos fossem querer tratá-la também. E o policial ficaria desconfiado de nós três.

Se havia alguma coisa nos ajudando, era a questão dos reféns israelenses com os palestinos. A polícia devia ter concentrado as forças em cercar os alojamentos olímpicos, o que havia tirado muitos policiais das ruas. Eles estavam sobrecarregados e não poderiam correr atrás dos Jogadores pela cidade.

— Aonde vamos depois? — perguntou Kat.

— Vamos encontrar os outros dois — respondi.

— Não foi o que eu quis dizer. Quis dizer depois que terminarmos hoje. Para onde vamos? Não vamos voltar para casa.

— Você fala alemão — lembrei. — Poderíamos ficar aqui.

— Que tal a Inglaterra? — sugeriu ela. — Podemos falsificar uns formulários e conseguir vistos de estudantes.

— Se vamos falsificar documentos, que sejam de cidadãos, de uma vez.

John nos disse mais uma vez para ficarmos quietos.

— Kat, fale em alemão. Finjam ser turistas.

Estávamos a apenas vinte jardas do policial, e ele se virou para nós.

— *Geh weg* — disse ele. — *Dies ist ein Tatort.*

— *Wir suchen für den Olympic plaza* — respondeu Kat.

— *Gehen Sie weg. Oder werden Sie verhaftet.*

O policial se virou de costas para falar com os paramédicos, e John sacou a arma.

— Não! — berrei, mas minha voz foi encoberta pelo som de três disparos.

Um para cada paramédico e um para o policial.

— O que você está fazendo? — gritou Kat.

— Estou acabando com o Endgame — disse John, indo até os corpos.

O sumério nos observou com os olhos caídos. John pegou a arma do policial, uma Sig Sauer, e a entregou para mim.

— Onde estão os outros? — perguntou John ao sumério.

— Lutando — respondeu ele. — Eu perdi.

Percebi que o Jogador tinha outro ferimento no torso, com um curativo pela metade.

— Aonde eles foram? — insistiu John.

O sumério sacudiu a cabeça, tossindo sangue. Ele levantou a mão devagar e apontou.

— Por ali. Devem estar perto. Não estão feridos e querem lutar. Vocês são os pacifistas?

John se levantou, sacudindo a cabeça. Ele caminhou até o final da rua estreita.

— O que você quer dizer? — perguntou Kat.

— Três americanos me visitaram esta manhã. Eles me disseram para parar de lutar. Disseram que tudo o que eu precisava fazer era me afastar e não Jogar.

Kat assentiu de maneira enfática.

— Sim. Somos nós.

— Eu vou me afastar.

Kat abriu o curativo no torso dele.

— É profundo — constatou ela. — Você deve estar com um pulmão perfurado.

— Saia — disse John, voltando. — Acho que eles estão a apenas algumas quadras de distância. Dá para ouvir uma multidão a oeste.

Kat se levantou e entrou na ambulância para pegar algumas bandagens. Eu fui ajudá-la, já que ela não podia usar a mão direita.

BANG!

Girei e vi John apontando uma arma recém-disparada para o sumério. Havia um buraco de bala na testa do garoto, e ele começou a deslizar para o lado.

— Que diabo foi isso? — berrei.

John olhou para trás na direção da transversal.

— Vamos matar todos os Jogadores. Sem erros.

Kat atirou a caixa na rua.

— Ele disse que ia se afastar. Que ia parar.

Apontei minha arma — a do policial — para John.

— O que aconteceu com nossas regras? O que aconteceu com tentar conversar com os Jogadores?

— É claro que ele concordaria em parar. Estava indefeso e ferido. Ele disse o que era necessário para sobreviver.

— Você me transformou em um assassino, John — falei. — Eu era só um universitário. Eu só queria fazer diferença. Queria protestar contra a guerra. Queria me livrar da opressão do meu pai. E foi nisso que deu? Matando um adolescente ferido no meio da rua?

— Você sabia o que estava em jogo desde o primeiro dia — declarou ele, enfiando a arma na parte de trás da calça. — Você só fingiu acreditar que levaríamos o plano a cabo sem matar ninguém.

— Eu fingi? *Eu* fingi? Você me pediu para escrever os diálogos. Você me fez ensinar os outros a vender, a construir um

relacionamento de confiança com os Jogadores. Você me mandou fazer isso e agora diz que *eu* estava fingindo?

— Precisamos deter todos eles — disse John, olhando por cima do ombro. — Eles mataram muitos de nós. Mataram a Mary... você não viu aquilo? E agora voltamos a estar em maior número. Três contra dois, e logo poderá ser três contra um, se o harappaneano e o nabateio estiverem mesmo tentando matar um ao outro.

— Não sabemos o que estão tentando fazer — disse Kat. — Não sabemos onde estão.

— Sigam as sirenes. Falando nisso, precisamos sair daqui.

Eu estava furioso.

— É, por causa do *seu* disparo.

— É — concordou ele, se virando para me encarar. — É, por causa do meu disparo. Vamos matar todos eles. Todos os Jogadores. E se você não gosta disso, deveria ter dito três meses atrás, cacete! Quando matou aquele xerife, sabia no que estava envolvido. Toda vez que mirou sua arma naquela área de tiro, você sabia que estava se preparando para uma guerra. Você podia ter ido embora a qualquer momento, mas não foi. Você ficou e treinou com todos nós. Você entregou os convites e matou a minoica. Você faz parte, Mike, goste disso ou não. Então, não aja como se fosse moralmente superior. Faça o que precisa fazer para acertar as coisas na sua cabeça, mas faça agora porque nós vamos acabar com esse jogo.

Mantive minha arma apontada para ele por longos dez segundos.

— Tudo bem — disse Kat, colocando a mão com suavidade nas minhas costas. — Vamos acabar com isso. Quando terminarmos, nunca mais vamos precisar ver o John outra vez. Nunca mais vamos precisar pensar nisso. Até onde sabemos, os Jogadores estão matando um ao outro neste instante, de qualquer maneira. Podemos acabar com tudo e ir embora. Você e eu. Juntos.

Soltei o ar e baixei a arma.

— Vamos lá, então — chamou John. — Acho que eles foram por aqui.

Corremos para a esquerda na rua transversal. Eu estava perdido, sem saber o que era sul ou norte, leste ou oeste. Apenas segui John e segurei a mão de Kat.

Como ficaríamos naquele país? Falamos em falsificar documentos como se fosse fácil, mas foram Barbara e Douglas que fizeram tudo, e eles não voltaram da missão em que deveriam ter matado a olmeca.

Enquanto caminhávamos atrás de John, tirei o walkie-talkie da mochila. Fiz um chamado em nosso canal.

— Alguém na escuta? Aqui é o Mike. Alguém na escuta?

Ouvi estática.

— Aqui é Mike — repeti. — Alguém na escuta?

Nada.

— Talvez o walkie-talkie deles esteja desligado — disse Kat. — Ou na mochila, como o nosso estava. Precisamos voltar para o esconderijo.

Continuamos caminhando, ouvindo sirenes aqui e ali, mas sem ver nada. Aquelas ruas eram tão estreitas que me perguntei se John estava mesmo seguindo um som real ou apenas ecos.

— Sabemos para quem aquele atirador estava trabalhando? — perguntei a John.

— Não deu para deduzir. O rosto dele estava escuro, mas não sei se era por causa da cor da pele ou da tinta de camuflagem. Ele estava se escondendo muito bem naquele telhado.

— Então, ele poderia ser tanto nabateio quanto harappaneano, certo?

— Ou nenhum dos dois — sugeriu Kat. — Além disso, ele está morto. Ou ela. Achei que parecia uma garota quando caiu.

— Mas se ela fosse, digamos, nabateia, isso significa que os nabateios estão trapaceando ao trazer combatentes a mais. Pode ter outro por aqui, pronto para nos derrubar.

— Pode ter — admitiu John.

Em seguida, levantou a mão e fechou o punho: o sinal de parar.

Kat e eu congelamos, observando e esperando John avançar a fim de olhar da esquina de um prédio. Ele parou e levou a mão à arma. Agarrei minha pistola, e Kat segurou a dela sem jeito com a mão esquerda. Contornamos o prédio devagar, seguindo a orientação de John.

Dava para ouvir a luta, o barulho de metal batendo em madeira, a respiração pesada e os grunhidos de combatentes exaustos.

Então os vi.

Era uma avenida larga, com um canteiro amplo no meio.

Entre as árvores, os bancos e as flores, o nabateio e o harappaneano travavam uma batalha épica.

Capítulo Oito

Não éramos os únicos presenciando a luta. Vi os rostos nas janelas dos dois lados da rua, e do lado de fora havia espectadores em pontos que eles deviam ter considerado uma distância segura — mas, assim que viram nossas armas, começaram a se afastar. Havia uma sirene vindo de algum lugar da rua, fora de vista, atrás dos prédios e das árvores.

O harappaneano rodopiava, um borrão com a espada curva. O nabateio estava quase imóvel, defendendo todos os golpes com a lança — que tinha cerca de duas polegadas de diâmetro e era feita de alguma madeira muito dura, já que resistia aos golpes da espada quase sem ser marcada. Mas o nabateio estava na defensiva, recuando enquanto o harappaneano avançava. John disparou, acertando o harappaneano no peito — ele caiu de costas em uma pedra. O nabateio se virou para nos ver e então correu para se proteger atrás de uma banca de jornal. John e eu disparamos enquanto ele corria, mas o Jogador era rápido e saiu de nosso campo de visão quase no mesmo instante. Um policial apareceu no final da avenida em uma motocicleta — John deu alguns tiros na sua direção, e a moto escapou de baixo dele. O policial se arrastou para se proteger atrás de um carro estacionado.

Eu não via ninguém de onde estava — o harappaneano desaparecera sob os arbustos, e o nabateio estava bem escondido.

— Vão para o lado oposto e subam — disse John.

— O nabateio é o último — falei, e assenti.

O lado que John mencionou era onde ficava a banca de jornal.

— Não sei — respondeu John. — Você ouviu o barulho? O harappaneano está usando um colete de barreira. À prova de bala, eu acho.

— O que isso quer dizer? — perguntei.

Nunca praticáramos em alvos com coletes à prova de bala.

— Isso quer dizer que eu gostaria de estar com meu Kalashnikov. A esta distância, pistolas não vão penetrar. Ou se aproxime, ou atire na cabeça.

— Tudo bem — confirmei.

— E o policial? — perguntou Kat.

— Você simplesmente vai em frente?

Kat virou-se para mim e nossos olhos se encontraram por um instante. Em seguida, atravessamos a rua, correndo agachados. A rua era cheia de lojas com vitrines grandes. Mantive o ombro apoiado nas vidraças enquanto subia, procurando um sinal de algum dos Jogadores.

O policial gritou alguma coisa que não entendi.

— Preciso saber o que ele disse? — perguntei a Kat sem olhá-la.

— “Parem” e “rendam-se”, alguma coisa assim. O alemão da escola não abrangia esse tipo de vocabulário.

John estava a nossa frente, do outro lado da rua, movimentando-se com cautela, segurando a arma com firmeza nas mãos. Ele se movia com confiança. Parecia um soldado. Eu devia parecer um idiota. Minha aparência era a de um alvo.

De repente, o harappaneano estava de pé outra vez, jogando alguma coisa em John, que atirou de volta, e um vidro do nosso lado da rua explodiu em milhões de pedacinhos. Eu me abaixei e dei um jeito de me esconder atrás de um poste de luz. Mirei no harappaneano — John estava na direção do alvo, mas não na linha de tiro, e decidi correr o risco. Sem nenhum barulho, fui atirado ao chão.

O nabateio havia disparado a lança pesada como um taco de beisebol de sete pés de comprimento e me derrubou na calçada.

Zonzo, vi Kat atirar como louca — embora tentasse firmar o movimento com o braço ferido, sua mão esquerda tremia. Mas, deitado no chão, vi aquele sujeito grande fazer uma pausa e levar a mão ao peito. O sangue escorria do esterno, empapando a camisa.

Ele levantou a lança uma última vez, atirou-a e caiu de joelhos. Ele disse alguma coisa em uma língua estrangeira e desabou no

meio da rua. O policial estava de pé, de arma em punho, gritando com o harappaneano e John.

Eu me virei para Kat.

Capítulo Nove

A lança estava enterrada fundo no peito de Kat, saindo pelas costas, de modo que minha companheira estava meio sentada. Havia sangue por todo o lado. Escorria rápido demais. Muito, muito sangue.

— Kat — chamei, passando por cima dos cacos de vidro para chegar até ela. — Kat, não.

Ela estava morta. Não havia vida nos olhos, e pus a mão em seu pescoço para tentar sentir a pulsação, mas não havia nada. A lança fora certa em atravessar o coração, espetando-a como se Kat fosse um pedaço de papel.

Nenhuma última palavra. Nenhum adeus.

Ela o matou, e ele a matou.

E não restava mais nada para mim.

Capítulo Dez

Ouvi tiros, distantes e insignificantes.

Toquei no rosto de Kat. Estava muito pálida, toda a cor se esvaindo enquanto ela sangrava.

— Kat — chamei mais uma vez, querendo abraçá-la, mas impedido pela lança imensa.

Ela não deveria ter vindo. Depois de cortar o braço, deveria ter ficado no hospital. Deveria ter ficado no esconderijo. Não deveria estar ali, me dando cobertura.

De alguma forma, eu tinha perdido o nabateio de vista. Burro. Fui muito burro. Eu sabia onde ele estava se escondendo e poderia ter acompanhado seu deslocamento, mas tinha me focado no harappaneano. Atirei no Jogador que ameaçava John, não no que estava a apenas alguns metros de mim. Foi burrice, e Kat pagou por isso. Ela o matou, seu último ato na Terra, mas não bastou. Se eu tivesse mantido a vigilância na lateral da banca de jornal, poderia ter atirado assim que ele aparecesse.

Mas não fiz isso. Continuei de olho em tudo, menos no que deveria.

Olhei de novo para John, mas ele e o harappaneano haviam desaparecido. O policial estava morto nos arbustos. Eu me perguntei quem o matou. Não tinha importância, na verdade. Alguém o matou, e John e o harappaneano continuavam a batalha em outro lugar. Eu não ia correr atrás deles para descobrir. John era um Boina Verde. Daria conta do harappaneano. Nós havíamos vencido: todos os Jogadores estavam mortos.

Olhei para Kat. Ela estava com os olhos abertos, e estendi a mão para fechá-los, mas não consegui tocá-la. Virei de costas e tentei reavivar minhas lembranças dela: o sorriso, a risada, os beijos.

Mas tudo o que vi foi o rosto contorcido. Os olhos mortos. O sangue na calçada.

Mais sirenes.

Larguei a arma ali e me levantei. Meio que esperei ver o corpo de John no chão do outro lado da rua, mas só havia o do policial.

As janelas estavam repletas de rostos e, quando me virei, em busca de um sinal de John, todos focaram em mim, talvez sem medo, possivelmente por tolice. Talvez tivessem me visto largar a arma. Talvez tivessem visto dentro do meu coração e soubessem que eu não ia lutar de novo. Que eu estava acabado. Que minha participação na lenda do Endgame estava chegando ao fim.

Comecei a correr devagar, então desapareci. Como não sabia que lugar era aquele onde eu estava, não podia saber aonde estava indo, mas tentei escolher as ruas e os becos menos movimentados. Tentei correr na direção oposta a das sirenes, mas elas ressoavam por todo lado. Parecia impossível evitá-las, mas eu faria o que pudesse.

Iria para o esconderijo. Talvez houvesse alguém lá. Não me importava. Eu estava atrás do dinheiro que havíamos escondido em um fundo comum. Levaria o que havia sobrado e pegaria um trem para longe de Munique — para longe da Alemanha. Talvez, pensei, pudesse voltar para a Turquia. Não havíamos deparado com nenhuma barreira de segurança notável quando estivemos lá, e o custo de vida era baixo — o dinheiro no esconderijo poderia me sustentar durante um ano, talvez mais. Nem sequer tentei pensar em algo além de um ano. Na última hora, vi pessoas de quem gostava morrerem de modos terríveis. Eu não precisava de ninguém novo em minha vida no momento. Seria um ermitão. Talvez arranjasse um emprego em um barco pesqueiro ou um café. Aprenderia a língua. Desapareceria no cenário.

A sete quadras da rua em que havia deixado Kat, parei de correr e caminhei até uma loja de presentes. Comprei uma camiseta branca das Olimpíadas, com o logotipo do sol no peito, e a vesti sobre a camisa suja de sangue. Também comprei um mapa e perguntei ao caixa, que falava um pouco de inglês, onde estávamos. Ele apontou o cruzamento para mim, e descobri um caminho que me levaria de volta ao esconderijo. Eu poderia ter chamado um táxi, mas queria

caminhar. Havia muita coisa se passando na minha cabeça e, para ser sincero, eu não estava com pressa de voltar para a casa. Só queria congelar o tempo.

Não queria continuar com minha vida. Queria voltar no tempo, não avançar.

Eu não acreditava que tinha deixado Kat no meio da rua. Será que havia alguma coisa que eu poderia ter feito por ela?

E Mary? Eu também a abandonara. Elas estavam mortas, e eu havia seguido em frente, deixando-as na rua para os pássaros.

Fiquei enjoado ao me lembrar de seus ferimentos. Ambos foram brutais e detestáveis. Ambos destruíram o corpo delas, matando-as na hora. Se havia uma vantagem, fora essa. Não houve sofrimento.

Levei a mão ao rosto. Eu havia começado a suar sem parar. Ainda tinha sangue de Kat na roupa.

Eu me abaixei e vomitei na sarjeta. E, enquanto isso, pensei no que havia se tornado toda aquela missão. John era a única esperança — precisava matar o harappaneano. Se ele fizesse isso, nós venceríamos. A Linhagem Zero mataria todos os Jogadores. Os Criadores — os Annunaki, os Deuses do Céu, como quer que fossem chamados — não teriam mais seu jogo. Eles não tinham mais Jogadores. Não havia mais Endgame.

Ou tinham? Será que Raakel tinha razão? A próxima geração de Jogadores assumiria o lugar deles? Será que continuaria assim para sempre?

Era o que mais doía: que tudo aquilo pudesse ter sido em vão.

Será que os Criadores estavam assistindo a tudo lá de cima? Será que algum tipo de satélite alienígena monitorava os Jogadores?

Será que puniriam a humanidade por estragar a diversão deles? Eu não duvidava. Talvez estivessem a caminho naquele instante. Talvez punissem a mim e a John por tentarmos interromper o Endgame.

Caminhei as últimas quadras até o esconderijo. Eu continuava ouvindo sirenes, mas nunca perto demais. Não vi luzes piscando ou carros e motos da polícia.

O esconderijo estava exatamente como eu o havia deixado. Tive a esperança de encontrar John lá, mas não aconteceu. Não havia

ninguém. Fui até a sala de jantar, onde estava todo o equipamento — todas as pistolas haviam desaparecido, mas ainda havia uma dúzia de armas de cano longo. Espingardas, AK-47s, um rifle M21, dois HK33s e várias armas cujos nomes eu desconhecia. Todas haviam sido contrabandeadas até lá por Lee e Lin, ambos mortos.

Peguei uma Uzi, testando o peso. Era o que eu deveria ter levado para a praça, não um maldito revólver.

Minhas impressões digitais ficaram nela. Estavam por toda a parte naquela casa. Será que eu deveria me dar o trabalho de limpar o lugar? Uma vez que Eugene havia delatado, eu estava ligado a tudo aquilo.

Coloquei a Uzi no lugar e passei para a bolsa com os documentos falsificados. Meu passaporte como Frank Finn estava lá, junto aos de todos os demais. Peguei o meu e pus no bolso de trás, então joguei na lareira o resto do conteúdo da bolsa. Encontrei uma garrafa de vodca em uma mesinha de canto e derramei a bebida sobre os passaportes. Acendi um fósforo e uma chama azul se acendeu na pilha.

Coloquei uns pedaços de lenha em cima dos documentos e sentei em uma poltrona de couro de espaldar alto. Fui tomar um gole de vodca direto da garrafa, mas saiu demais. Meus olhos começaram a lacrimejar.

— Quem é você? — perguntou uma voz atrás de mim.

Eu estava deprimido demais para me dar o trabalho de me virar. Ou responder. Tomei outro gole e o revirei na boca por um instante.

— Quem é você? — repetiu a voz masculina, de sotaque indiano.

— Frank — respondi. — Finn.

— Não foi o que eu quis dizer — disse ele, aparecendo diante de mim.

O homem estava segurando uma pistola pequena que não reconheci. Talvez fosse russa.

— Eu sou o Pravheet.

— Estou indo embora — falei.

— Você é la Tène? — perguntou ele, sentando na poltrona a minha frente.

Apesar da pistola apontada para mim, parecíamos dois velhos amigos diante de uma lareira.

— Eu? Não.

— Seu amigo — disse ele, em tom calmo. — O que acabei de matar. Ele não era Jogador.

— Não — confirmei. — Nem eu.

— Então quem era? A menina morta pelo nabateio?

— Não.

— Tudo bem — disse ele. — Não me diga. Ela morreu, ele morreu, e agora você vai morrer.

— Não precisa. Não sou um Jogador.

— Você é americano, não é? Conheço o Jogador cahokiano de vista, mas não conheço o la Tène. Imagino que seja você. Ou você é outra coisa? Minoico?

— Algo assim — respondi, tomando outro gole da garrafa.

Eu não tinha o costume de beber, e a vodca descia queimando.

— Quando há um Chamado, apenas o Jogador deve aparecer. Os Criadores demonstrarão o descontentamento deles em relação a você e a sua linhagem.

— Não tem importância — comentei. — Nós fracassamos.

— Vocês fracassaram.

— Você não precisa mais matar — falei. — Você pode parar de Jogar.

Ele sorriu.

— E me render? A você?

— Não, não estou me referindo a isso. Quero dizer que você não precisa Jogar. Não há outros Jogadores. Estão todos mortos. Você pode se recusar a Jogar.

— Haverá um teste — disse ele. — Há mais no Endgame do que derrotar os outros Jogadores.

Coloquei a tampa na garrafa e a apoiei na mesa ao lado da poltrona.

— Este não foi um Chamado de verdade — falei. — Pertencço a um grupo chamado Linhagem Zero. Não somos Jogadores. Nosso objetivo não era matar, mas convencer. Deixe-me adivinhar: seu

convite para o Chamado foi uma explosão e o símbolo destas Olimpíadas queimando.

— Foi — confirmou ele, franzindo a testa. — O mesmo de todas as outras linhagens. Um sinal dos Criadores.

— Foram alguns tijolos de C4 e uma tela de termite — contei. — Veja esta sala... Há roupas e equipamentos para vinte pessoas. Na sala ao lado você encontrará uma mesa cheia de armas. Nós, a Linhagem Zero, convidamos vocês para cá. Nosso objetivo era tentar convencê-los a parar de lutar. O que aconteceria se você desistisse? Se você se afastasse?

— Toda a minha linhagem seria destruída em chamas e ruínas.

— Não, porque todas as linhagens se afastariam do jogo.

— Então todas as linhagens pereceriam — respondeu ele. — Os Criadores não toleram desobediência. Nós somos seus servos, e eles nos ordenam a nos prepararmos para o Endgame.

— Não tem mais importância — falei. — Você é o único Jogador restante. Quando houver um Chamado real, não haverá ninguém contra quem Jogar. Nós vencemos. A humanidade, a Linhagem Zero, venceu.

Mas, enquanto eu falava, as palavras pareciam vazias. Eu não fazia ideia se aquilo ainda era verdade. Não sentia que havíamos ganhado. A sensação que eu tinha não se parecia em nada com qualquer tipo de vitória que eu desejasse.

Ele levou o dedo ao queixo. Ficamos nos encarando por vários segundos. Voltei minha atenção ao fogo. Os passaportes estavam todos destruídos.

— Se o que está dizendo é verdade — disse o harappaneano, pronunciando as palavras devagar —, se este foi um Chamado falso, então vocês são todos uns tolos e morreram por nada. Quantos foram mortos?

— Não sei — respondi. — Éramos vinte. Alguns nem chegaram aqui.

— Então, vinte morreram por nada.

— O que você quer dizer?

— Sempre haverá Jogadores. Se você me matasse, e não fosse durante um verdadeiro Endgame, alguém da minha linhagem

assumiria imediatamente meu lugar. Sempre haverá Jogadores. Poderia haver um Chamado verdadeiro hoje, e doze novos Jogadores seriam apresentados.

Continuei com os olhos voltados para o fogo. Eu não acreditava. Não queria acreditar. Walter sabia a respeito do Endgame. Sabia por experiência própria. Ele saberia se tudo aquilo fosse inútil.

— Mas não acredito que você seja tão ignorante. Você é o Jogador la Tène. E tudo isso é um golpe para me fazer desistir, para me dar um tiro pelas costas. Você é um Jogador ruim. Toda a sua linhagem estava trabalhando com você, e você nem sequer matou todo mundo.

— E é mais fácil acreditar nisso do que se dar conta de que todo este Chamado é falso?

Ele se levantou.

— Você é uma desgraça para o jogo. Venho de uma linhagem orgulhosa. Você se baseia em trapanças baratas e um exército la Tène.

— Você está errado — retruquei.

Ele ainda apontava a arma para mim, e eu não tinha com o que me defender. Exceto pela garrafa. Eu a peguei e a abri. Como minha arma estava na outra sala, eu não poderia atirar em Pravheet, mas daria para atear fogo nele. Talvez isso me desse tempo de chegar à sala de armas.

— Eu vou matar você, e assim vencerei o Endgame.

Com toda a minha força, atirei a garrafa no chão entre ele e a lareira. O vidro estilhaçou, e o líquido transparente se espalhou pela sala.

No mesmo instante, senti uma dor aguda no peito, e todo meu corpo convulsionou.

A escuridão começou a se aproximar. Ao redor, só havia chamas, mas, enquanto o fogo se espalhava, também diminuía.

Eu estava molhado — minha camisa estava molhada.

Pravheet pegou uma manta do chão e apagou as chamas da própria perna.

Tentei me levantar, mas meu corpo não respondeu. Eu sentia meus músculos ardendo, tensionando e relaxando, mas não estava

no controle de nada.

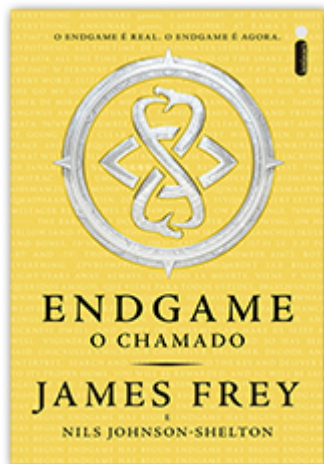
— Ninguém pode interromper o Endgame. O Endgame virá, e os Jogadores vão Jogar. O que será, será — declarou Pravheet, e senti o cano da arma dele na minha nuca.

Tudo ficou preto.

SOBRE O AUTOR

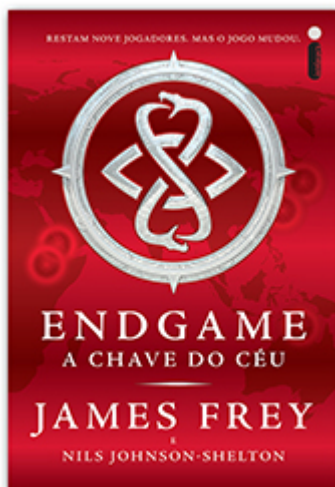
JAMES FREY é o fundador da Full Fathom Five, empresa responsável pela criação da bem-sucedida série *Os Legados de Lorien*, também publicada pela Intrínseca, que deu origem à adaptação cinematográfica *Eu Sou o Número Quatro*, produzida por Steven Spielberg e Michael Bay. James Frey mora em Nova York com a esposa, a filha e o cachorro.

CONHEÇA OS TÍTULOS ANTERIORES DA SÉRIE



[*Endgame: O Chamado*](#)

[James Frey & Nils Johnson-Shelton](#)



[*Endgame: A Chave do Céu*](#)

[James Frey & Nils Johnson-Shelton](#)

Exclusivamente em e-book:



[Diários de treinamento: Origens](#)

[James Frey.](#)



[Diários de treinamento: Descendência](#)

[James Frey.](#)



[Diários de treinamento: Existência](#)

[James Frey.](#)



[Linhagem Zero: Despertar](#)

[James Frey.](#)



[Linhagem Zero: Avanço](#)

[James Frey.](#)

LEIA TAMBÉM



[*Eu sou o Número Quatro*](#)
[Pittacus Lore](#)



[*O poder dos seis*](#)
[Pittacus Lore](#)



[A ascensão dos nove](#)
[Pittacus Lore](#)



[A queda dos cinco](#)
[Pittacus Lore](#)



[*A vingança dos sete*](#)
[Pittacus Lore](#)



[*O destino da Número Dez*](#)
[Pittacus Lore](#)



[*Silo*](#)
[Hugh Howey.](#)



[*Ordem*](#)
[Hugh Howey.](#)